

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ana Carolina Carvalho de Melo

Você se lembra do humor na escola?  
O humor no ensino de Ciências e Biologia.

Porto Alegre

2011

Ana Carolina Carvalho de Melo

Você se lembra do humor na escola?

O humor no ensino de Ciências e Biologia.

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Ciências Biológicas da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciado em  
Ciências Biológicas.

Orientador:

Prof. Dr. Sergio Andrés Lulkin

Porto Alegre

2011

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Sergio Andrés Lulkin, pela paciência e dedicação, pelos seus plurais e falas inspiradores. Aos meus pais, pelo apoio, pela educação e por serem os melhores. Aos Professores José Cláudio, Sandro e Daniel. Às Professoras Heloisa e Fernanda. Ao Yuri Jaeger Monti, ao Rafael Lopo, à Vanessa Daitx e ao Mateus Negreiros por sempre me perguntarem se já havia “terminado o TCC”. Às Professoras da FACED Eunice Kindel, Russel Dutra Rosa e Darli Collares. Ao Takeshi Kuamoto pelo empréstimo das provas do vestibular. À Letícia Tramotini e à Bruna Arbo Meneses pela leitura final e correção.

## RESUMO

Este estudo pesquisa como o humor se apresenta no ensino de Ciências e Biologia. O texto traz breve introdução sobre aspectos e teorias que abordam o tema e faz um levantamento das questões consideradas *humoradas* em provas de biologia dos vestibulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 1996 a 2011. Como material empírico foram feitas observações em sala de aula e entrevistas semi-estruturadas com professores. Os resultados foram listados na forma de quadros com os *momentos humorados* observados nas aulas seguindo-se a análise desse material. A metodologia utiliza recursos do registro etnográfico e os estudos exploratórios, após análise, permitem concluir que o humor pode provocar mudanças nas mais diversas atitudes humanas. Nessa perspectiva, o humor é uma interessante ferramenta educacional, auxiliando na compreensão de conteúdos e favorecendo o relacionamento entre professores e alunos.

**Palavras-chave:** humor; ensino-aprendizagem; testes; biologia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
1.1 O que é humor? .....	10
1.2 Sobre o riso .....	12
1.3 O humor nos testes e avaliações.....	13
1.4 Aspectos biológicos.....	16
<b>2 ESTUDOS EXPLORATÓRIOS .....</b>	<b>17</b>
2.1 Primeira parte: Existe humor nas provas de vestibular? .....	17
2.2 Segunda parte: O humor está presente nas aulas de Ciências e de Biologia? .....	18
<b>3 RESULTADOS .....</b>	<b>19</b>
3.1 Primeira parte: Análise das questões do vestibular.....	19
3.2 Segunda parte: Quadros das observações .....	35
3.2.1 Quadro 1 .....	35
3.2.2 Quadro 2 .....	37
3.2.3 Quadro 3 .....	43
<b>4 DISCUSSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A idéia de pesquisar o humor no ensino de Biologia surgiu em meio à preparação de um seminário para a disciplina de Paleontologia, em 2010, quando encontrei a seguinte charge<sup>1</sup>:



Figura 01: Charge (“*Mamãe, Papai... Existe algo que vocês precisam saber – Eu sou um mamífero!*”)

Aspectos morfológicos, genéticos e evolutivos apontam o surgimento dos mamíferos como sendo a partir de ancestrais répteis. A evolução é um processo lento e gradual e a charge brinca com este fato, pois o pequeno réptil “revela” a seus pais que *é um mamífero*, sendo o “elo perdido”, tão procurado por cientistas e interessados. Além disso, há a brincadeira com o embate entre pais e filhos, pois o jovem, com receio – evidenciado pelas reticências de sua fala – conta a seus pais uma novidade. É quase como revelar o desejo de ser “músico”, “artista” e, por que não, “biólogo”.

O material não serviu para o seminário que estava construindo, mas muito me inspirou na busca de um tema para discutir no Trabalho de Conclusão de Curso. Considero a “charge inspiradora” um material genial, que pode ter grande utilidade em sala de aula, sendo um instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Materiais gráficos como este podem servir como exemplos nas explanações de diversas matérias, ou mesmo, como base de questões para provas. E é aí que se insere o foco do trabalho: investigar o uso do humor no ensino de Ciências e Biologia.

Na busca de material empírico para esta pesquisa e para ter uma visão panorâmica do tema na atualidade, visitei páginas na internet e encontrei algo bastante interessante: em 2009, uma campanha publicitária veiculada em Estocolmo, na Suécia, obteve grande êxito incentivando a mudança de comportamento das pessoas através do que foi denominado “teoria da diversão” (“*Rolighetsteorin*”, no original). Essa mudança de comportamento

<sup>1</sup> Figura retirada do site <http://www.bay-of-fundie.com/archives/2114/conservababes-pix-4-evolution>

através da diversão pode se dar, de acordo com os criadores da campanha, nas mais diversas atitudes humanas, seja nas relações interpessoais, na relação entre as pessoas e o meio ambiente e mesmo na relação das pessoas com elas mesmas<sup>2</sup>.

Juntamente com a campanha, foi lançada uma espécie de concurso, o *The Fun Theory Award*, onde pessoas do mundo inteiro eram desafiadas a capturar a essência da “teoria da diversão” e transformá-la em um vídeo que transmitisse a ideia. O concurso fez grande sucesso ao redor do mundo, podendo os vídeos concorrentes serem encontrados facilmente na *internet*. O vencedor do prêmio principal é “A loteria de radares”<sup>3</sup> (“The Speed Camera Lottery”), criado pelo americano Kevin Richardson e consiste no seguinte: Richardson criou um radar que fotografa, além dos motoristas infratores, os motoristas que respeitam os limites de velocidade. Estes últimos, por estarem dentro da lei, “venciam a loteria”, recebendo prêmios em dinheiro pelo correio, pagos com o dinheiro proveniente das multas pagas por aqueles que excediam a velocidade permitida.



Figura 02: “A loteria de radares”

Outros vídeos finalistas do concurso são também muito interessantes: “Escada Piano”<sup>2</sup> (“Piano staircase”) consistia em uma intervenção na escada de um metrô na cidade de Estocolmo. A escada tradicional era sempre preterida pelos usuários, que utilizavam o elevador ou escada rolante. Os criadores do projeto transformaram os degraus da escada em teclas de piano. Ao ser pressionado, o degrau então emitia o som da tecla correspondente. A escada, agora “divertida”, passou a ser utilizada em 66% das vezes<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Informações retiradas do site <http://www.thefuntheory.com/> acessado em seis de abril de 2011.

<sup>3</sup> Livre tradução da autora do trabalho.

<sup>4</sup> <http://www.thefuntheory.com/piano-staircase> acessado em seis de abril de 2011.



Figura 03: A “Escada Piano”

O terceiro exemplo, é “A lixeira mais funda do mundo”<sup>2</sup> (“The World’s Deepest Bin”), uma lata de lixo com dispositivo com sensor e caixa de som. Ao ser colocado um objeto dentro dela, emite o som de algo que cai a grade altura. A lata de lixo “divertida” fez enorme sucesso em um parque de Estocolmo, fazendo com que em um único dia fossem recolhidos 72kg de lixo naquela lixeira, o que representa 41kg a mais que uma lixeira próxima<sup>5</sup>.



Figura 04: A “Lixeira mais funda do mundo”

Os exemplos descritos são simples, comerciais, talvez tenham efeitos momentâneos e provavelmente não possam ser aplicados em todos os contextos sociais – muitas podem ser as críticas atribuídas ao concurso e à campanha publicitária. Mas aprecio muito a ideia central que ali existe: a importância da diversão, do humor, do *fun* na vida das pessoas, especialmente na busca de novos hábitos e atitudes. O humor, assim, traz benefícios além do entretenimento – que por si só já é saudável – pois direciona as pessoas a um aprendizado, à busca por um equilíbrio ecológico, a melhorias na qualidade de vida.

---

<sup>5</sup> Informação do vídeo da campanha, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=cbEKAwCoCKw> acessado em seis de abril de 2011.



Como diz Barra (1995):

“o humor tem a capacidade de libertar o pensamento, muitas vezes prisioneiro das convenções e das leis do pensamento racional. Este fato evidencia o seu poder de criatividade, uma vez que a própria sociedade reforça nos indivíduos a capacidade de nos tornarmos práticos e lógicos” (BARRA, 1995, p.37).

Nessa perspectiva, o humor é uma ferramenta interessante na dinâmica educacional, pois possibilita reflexões e diversas interpretações, além, é claro, de criar um ambiente de sala de aula mais solto, mais agradável ao estudante e ao professor. Nascimento (2006) afirma que o humor cria um ambiente de maior liberdade, abre espaço para maior participação dos alunos, criando uma atmosfera mais amistosa entre todos os atores. Diz ainda que o humor pode romper com a rotina mental, colocando-nos diante de realidades que antes desconhecíamos.

Assim, o humor em sala de aula pode render benefícios ao processo de aprendizagem, auxiliando na compreensão dos conteúdos, além de criar um ambiente mais confortável e atrativo aos alunos. Tal fato se aplica também ao uso do humor em testes avaliativos. Os principais vestibulares do país, por exemplo, têm se apropriado cada vez mais de charges e histórias em quadrinhos para avaliar os conhecimentos em diversas disciplinas.

Em uma avaliação das provas de biologia do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) dos últimos 16 anos, pude encontrar, no mínimo, 15 questões que envolvem ou podem provocar humor. Também o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), desde a sua primeira edição, em 1998, faz uso de charges e histórias em quadrinhos<sup>6</sup>.

Existe entre parte dos estudantes do Ensino Básico um estigma em relação ao aprendizado de Biologia. Diz-se que a matéria envolve demasiada “decoreba”, ou seja, memorização de termos e vocábulos. Tal fato pode acarretar uma certa aversão dos alunos aos conteúdos que lhes são apresentados. Uma das alternativas a isso é, com certeza, a aplicação de diferentes métodos de ensino em sala de aula, inclusive o uso do humor.

Aulas pontuadas com fatos curiosos e interessantes, alegres e que despertem o riso são formas de romper também com a “seriedade” observada no ensino tradicional. Foi o que procurei fazer no segundo estágio docente que realizei. Lecionava para uma turma de terceiro ano noturno, com alunos cansados e desmotivados. Nem um pouco interessados em aprender a *diferenciar répteis de anfíbios*, por exemplo. A alternativa que encontrei foi apresentar-lhes

---

<sup>6</sup> Informação retirada da matéria “Tiras e charges ganham destaque nos vestibulares” do portal Bem Paraná, disponível em <http://www.bemparana.com.br> acessada em 19 de março de 2011.

uma biologia que está presente no dia a dia de todos, com muitos recursos visuais e tecnológicos. Mas, apesar de observar que eles apreciavam essa minha tentativa de aproximar-lhes do conteúdo de aula, obtinha maior sucesso (por sucesso digo o interesse e atenção dos alunos) quando os recursos – vídeos, ilustrações, fotografias – os faziam rir. As aulas com humor sempre conseguiam estimular os alunos – inclusive fazendo-os *não correr para o intervalo*. Não era montado um circo em sala de aula. Mas eles conseguiam encontrar graça em um vídeo de, por exemplo, um sapinho escorregando de uma pedra, voltando a subir, escorregando novamente e assim por diante. O que havia de divertido naquilo? E como a atenção que eles davam ao vídeo poderia influenciar no seu aprendizado? Qual a importância daquele momento de descontração?

Durante o período de observações – no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRGS, quando cursamos as disciplinas de estágios, temos um período de vinte horas *observando* a turma em que vamos trabalhar e mais vinte horas *lecionando* – pude perceber diferenças no comportamento e motivação dos alunos em aulas de professores mais “soltos” e de professores mais “sisudos”. Nas aulas dos professores “sérios”, o clima era um tanto tenso, alguns alunos ficavam nervosos, com receio de errar e não havia brincadeiras entre a turma. Com os professores mais “alegres”, “brincalhões”, os alunos pareciam “render mais”, ficavam mais atentos às aulas. E pude perceber também diferenças nas faltas: tendo a opção de ir embora, alguns alunos ficavam para assistir as aulas dos professores mais divertidos.

Que importância tem o humor em sala de aula? O rendimento dos alunos é maior em aulas mais descontraídas e que contenham humor? O uso do humor nos testes e avaliações acarreta diferenças nos resultados? Foi isso que tentamos investigar.

Nosso estudo foi, então, dirigido da seguinte forma: primeiramente foi realizado um levantamento das provas de biologia do vestibular da UFRGS para identificar e analisar o tipo de humor que ali aparece. Posteriormente, realizei observações e entrevistas com professores de Ciências e Biologia para entender de que forma eles viam o uso do humor em sala de aula.

## **1.1 O QUE É HUMOR?**

Não se pretende, neste trabalho, definir humor e suas variantes, mas sim, dentro do possível, delimitá-lo, traduzi-lo. Não é nosso objeto de estudo comparar ou analisar as teorias que trabalham o humor, mas, sim, ampliar a visão do leitor sobre o humor através das mais diversas abordagens.

O riso e o humor, suas variantes, causas e expressões são objetos de estudos há muito tempo. Muitos filósofos trabalharam o tema, tentando entender a origem dessa expressão humana, e diversos pensadores ao longo dos anos tem se interessado pelo que faz o homem rir. Várias são as teorias e obras acerca do tema. Esse fato inclusive prejudica – ou amplia, depende do ponto de vista – a busca por uma definição de humor, pois várias são as áreas do conhecimento (psicologia, filosofia, neurociência, pedagogia etc) envolvidas nos trabalhos acerca do riso, do humor e de suas facetas.

Classificar o humor não é tarefa fácil. Justo (2006) coloca que o efeito do humor pode ser sempre o mesmo – o riso – porém o sentido de cada manifestação que nele resulta pode ser bem diferente:

há o humor que se coloca a serviço da liberação de uma idéia ou desejo aprisionado pela censura; há o humor que procura gerar uma situação de descontração entre os interlocutores; há o humor que visa desqualificar e ridicularizar o interlocutor ou o referente do diálogo; há aquele que mobiliza ansiedades, temores e agressividade – o humor negro; existe aquele outro que visa solapar um discurso e uma situação tidos como “sérios” (solenes) – a conhecida “gozação”; aquele que se faz por meio do cômico propriamente dito, pondo em evidência representações supérfluas e tantos outros exemplos cujos sentidos básicos dependem de um exame de contexto (JUSTO, 2006, p.116).

Lulkin (2008) coloca que:

humor e o riso se mostram por diferentes manifestações que ocorrem, com frequência, quando algumas pessoas se juntam para contar algo ou algum público escuta e assiste a alguém que fala ou que narra. Tal como pode acontecer numa sala de aula entre professores e alunos. (...) O riso também pode suceder de forma privada, quando um ser pensante se lembra de algo e ri do acontecido que lhe veio à memória (LULKIN, 2008, p.18).

É interessante analisar a origem do termo, uma referência à medicina grega. Scliar (2007) conta que Hipócrates postulou a “Teoria Humoral”, baseada na existência de quatro fluidos (humores) principais no corpo: bile negra, bile amarela, fleuma e sangue, procedentes, respectivamente, do baço, fígado, sistema respiratório e do coração. A saúde era baseada no equilíbrio desses elementos. A doença era resultado da desorganização desse estado. A Teoria Humoral constituiu a principal explicação racional para a saúde e para a doença entre o século IV a.C. e meados do século XVII.

O dicionário Houaiss (2001), define humor como sendo *disposição de espírito; a capacidade de perceber, apreciar ou expressar o que é cômico ou divertido*. Santo Tomás de Aquino dizia ser “o repouso da alma”<sup>7</sup>. Freud referia como o “maior mecanismo de defesa do ser humano, um instrumento que permite equilibrar as emoções e elaborar as frustrações”<sup>7</sup>. Os

<sup>7</sup> Informações retiradas do artigo “Você é o humor que tem”. Disponível em <[http://veja.abril.com.br/151106/p\\_116.html](http://veja.abril.com.br/151106/p_116.html)> Acessado em 23 de Junho de 2011.

professores que entrevistei também não chegaram a um consenso, sequer em se tratar de algo positivo. “Uma maneira leve de ver a vida”, “aceitação de erros”, “estado de espírito”, “forma como encaramos as coisas”, foram algumas das definições que apareceram.

A beleza do tema consiste justamente nisso, na dificuldade de defini-lo e nos múltiplos fatores que o envolvem. Um dos professores entrevistados chegou a comentar as diferenças culturais que envolvem o humor: os programas humorísticos que fazem maior sucesso no Japão, por exemplo, são aqueles que envolvem quedas, choques e contatos físicos, humilhação. Os brasileiros provavelmente diriam se tratar de “comédia pastelão”. Os britânicos, por exemplo, apresentam, em geral, um humor irônico, mais contido, com trocadilhos, característico do grupo *Monty Python*<sup>8</sup>.

## 1.2 SOBRE O RISO

As leituras sobre humor e riso muito me cativaram. Trata-se de material vasto e muito interessante. Por Lulkin (2007), cheguei às teorias de Henri Bergson e Mikhail Bakhtin, “leituras obrigatórias quando se deseja abordar o riso, seja para aderir ou contestar as colocações desses autores” (LULKIN, 2007, p.24).

O filósofo francês Henri Bergson (2004), em um de seus livros, especula sobre o riso e coloca o seguinte:

não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Rimos de um animal, mas por termos surpreendido nele uma atitude humana ou uma expressão humana. Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando com o pedaço de feltro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram, com o capricho humano que lhe serviu de molde (BERGSON, 2004, p. 23)

Ou seja, não há como o cômico existir fora daquilo que é humano. Bergson (2004) comenta ainda que vários filósofos definiram o homem como “um animal que sabe rir” mas poderiam tê-lo definido como “um animal que faz rir”.

Beltrão (2008) resume a teoria de Bakhtin:

depois da queda do mundo antigo, a Europa não conheceu nenhum rito, nenhuma cerimônia nacional, oficial ou social, nenhuma festa, nenhum gênero ou estilo oficial a serviço da igreja e do Estado (hinos, preces, fórmulas sacras, discursos, manifestos, etc), onde o riso fosse oficializado (no tom, no estilo, na língua), ainda que nas formas mais fracas de humor e ironia (BELTRÃO, 2008, p.13).

---

<sup>8</sup> Grupo de comédia britânico criado na década de 60. Produziu séries televisivas, shows, filmes, peças teatrais.

Assim, ainda de acordo com Beltrão (2008), Bakhtin ressalta que durante a Idade Média, o riso era “proibido” do domínio oficial da vida e das ideias:

ao proibir o acesso do riso ao domínio oficial da vida e das ideias, a Idade Média lhe conferiu impunidade fora desses domínios, na praça pública, dando origem a formas puramente cômicas, ao lado das formas canônicas. A atitude do século XVII e seguintes é de achar que o riso não pode ser uma forma universal de concepção de mundo, podendo referir-se apenas a certos fenômenos parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo, sendo o domínio do cômico específico dos vícios dos indivíduos e da sociedade. Nessa direção, riso é ou um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo que a sociedade usa com os seres inferiores e corrompidos (BELTRÃO, 2008, p.13).

A causa provocadora do riso, por exemplo, foi objeto de estudo do Naturalista britânico Charles Darwin, que fez a seguinte descrição para o humor:

uma coisa incongruente ou chocante, produtora de surpresa e de um sentimento mais ou menos marcado de superioridade – achando-se por outro lado o espírito em uma feliz disposição – parece ser na maioria dos casos a causa provocadora do riso (...). As circunstâncias que as produzam não devem ser de uma importante natureza (Charles Darwin, 1872 *apud* JABLONSKI, 1984).

Ao encontro disso, cheguei a uma informação que julguei interessante: a trama do romance “O Nome da Rosa” do italiano Umberto Eco, publicado em 1980, gira em torno de um suposto livro de Aristóteles que trata do riso, da comédia. No enredo do livro, que posteriormente virou filme, um monge cego responsável por uma biblioteca decide matar todos aqueles que tenham entrado em contato com o tal livro pois o riso aproximava o homem mais dos bichos do que do divino. Eco nos coloca inclusive a par de uma suposta discussão na época para saber se Cristo sorria ou não.

### **1.3 O HUMOR NO ENSINO E NOS TESTES E AVALIAÇÕES**

A inclusão de humor em testes avaliativos foi objeto de estudo de McMorris *et al* (1985). Os autores aplicaram dois tipos de testes a 126 estudantes de uma escola norte-americana. Os testes diferiam apenas na inclusão ou não de humor em questões de gramática da língua inglesa e os resultados foram positivos quanto à inclusão do humor nas questões. Não foi verificada diferença no número de acertos quando comparados os dois testes, porém, os alunos disseram gostar mais das questões com humor, demonstrando menor ansiedade diante da avaliação. Os resultados indicaram, ainda, que o humor nos testes aumentou o interesse dos alunos pela matéria.

Adicionalmente, Ronald Berk, professor da Universidade norte-americana John Hopkins, apresenta uma pesquisa de seis anos de duração que indica que alunos sentem que o humor faz diferença no seu desempenho em testes. Não somente na diminuição da ansiedade, mas também pode causar redução dos níveis de estresse. Berk (2000) ainda descreve, em seu artigo, estratégias específicas para o uso de humor em testes.

Segundo o autor, a função psicológica primária do humor em testes é de ocasionar um *distanciamento*. “O humor em uma situação de teste e avaliação produz uma mudança na perspectiva cognitiva que permite aos estudantes se distanciarem da ameaça imediata – o teste” (BERK, 2000). Assim, contribui na redução dos sentimentos negativos que ocorrem normalmente no momento da avaliação: ansiedade, tensão e estresse. E termina por auxiliar no desempenho mental dos estudantes. Quando o humor permite ao estudante lidar mais eficazmente com a experiência adversa, como fazer um teste, a resposta física geralmente é alguma forma de riso (sorriso, gargalhada etc).

Em contrapartida, o uso do humor nos testes nem sempre representa uma alternativa interessante: Perlini (1999) demonstra que o efeito do uso de humor pode ser negativo no caso de estudantes altamente ansiosos frente a testes e avaliações.

Um dos professores por mim entrevistados nessa pesquisa (Professor Barcelona<sup>9</sup>), contou que, quando foi estagiário de uma escola em Porto Alegre, adicionou uma charge relacionada à matéria a uma avaliação. A ideia do professor era descontrair os alunos, “*era simplesmente uma charge para eles olharem e relaxarem*”. O curioso foi que alguns alunos perguntaram ao professor “o que era para fazer naquela questão”. Outros escreveram sobre a charge, pois viam o material como uma pergunta da prova.

A grande maioria dos estudantes – e por que não dizer a sociedade em geral – não está acostumada com o humor em testes e avaliações. A fala do Professor Barcelona é bastante interessante:

*E eu comecei a achar intrigante ver isso acontecer por que não era uma questão, era simplesmente um relaxamento, mas não, os alunos viam aquilo como uma questão. Pois, imagino eu, deduzo, que culturalmente prova não é lugar para se brincar, né. Quase como uma arma branca do professor, aquilo que eles temem. Então ali não vai ser lugar de brincadeira. Se tem uma charge, por mais que seja engraçada, eu vou tentar não rir, por que isso me atrapalharia a resolver a questão, né. Estar rindo e me distraindo. E eu tentava explicar... não, isso não é uma questão, é só para ler. Ah, sério, professor? Bah, não tinha essa ideia.*

<sup>9</sup> Para manter o anonimato dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por nomes de cidades.

Continua o Professor Barcelona, em outro momento, sobre a reação dos alunos ao encontrarem *humor* em provas - o Professor ainda faz uma reflexão interessante sobre o porquê disso ocorrer:

*Não estão acostumados. Exatamente. É uma coisa que tradicionalmente não é usada. E até coloca em paradoxo, por que a tradição a gente sempre ouve que é para ser mantida, né. Aquela coisa assim “vamos manter a tradição”, mas que tradição é essa que devemos manter, né? Essa é uma coisa que às vezes me pergunto.*

E Lulkin (2008) discute a relação entre humor e ensino:

Educação, na sua relação com o humor e com o riso, pode ser entendida, por um lado, como um encontro de dimensão filosófica e, por outro, como um ato pragmático no interior da comunicação humana. O sentido original do termo *skholé*<sup>10</sup>, definindo aquele tempo diverso do trabalho, no qual o ser humano se dedica à criação e ao estudo, instiga essas aproximações entre educação e humor (LULKIN, 2008, p.18).

Ou seja, a escola - pelo próprio sentido do termo - deveria ser o local onde o lúdico e o lazer se encontrariam com a construção do conhecimento.

O humor faz parte do cotidiano, faz parte da vida das pessoas, está em todo o lugar. O cômico no nosso dia a dia se apresenta pelos mais diversos meios: TV, jornais, piadas, crônicas cotidianas. Ao contrário, na escola, na maioria das vezes, se apresenta nos intervalos, no pátio, nos diálogos, em leituras rápidas. Não sendo assim compreendido pelos estudantes quando aparece em uma questão de prova.

Uma resposta unânime entre todos os professores entrevistados foi a não lembrança de ocorrência de humor nos tempos em que eram estudantes, seja na escola regular ou quando na faculdade.

O Professor Edimburgo disse lembrar da ironia, do sarcasmo, facetas do humor utilizadas, no caso, com o intuito de desqualificar um ou outro aluno. O Professor contou ter estudado em uma escola militar, bastante rígida, e que os *momentos de humor* se resumiam a escolha de um *bode expiatório* na turma, ao *deboche em cima de um aluno*.

Os demais recordaram de *momentos humorados e divertidos* entre os alunos, sempre nos intervalos entre as aulas e no recreio. Foi interessante perceber que em determinado momento, dois dos professores entrevistados modificaram suas expressões faciais e riram ao

---

<sup>10</sup> Lulkin (2008) coloca: *Sholé*, do grego: descanso, repouso, lazer, tempo livre, estudo; ocupação de um homem com o ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal; lugar de estudo. Do termo derivam escola, escola, escolástico (HOUAISS, 2001, p.1206 *apud* LULKIN, 2008).

relatar a ocorrência do *humor* entre eles e seus colegas. Ou seja, aquelas lembranças são agradáveis, fazendo-os esboçar sorrisos ainda hoje.

#### 1.4 ASPECTOS BIOLÓGICOS

Embora não seja o foco desta pesquisa, acredito ser importante apontar as relações do humor com os aspectos biológicos que tem sido investigados em áreas como neurociência e neuropsicologia.

Ayan (2009) no artigo “O tombo do cérebro”, publicado na revista *Mente&Cérebro*, descreve experimentos realizados em laboratório que visam entender por que algumas pessoas percebem o humor *nonsense* e aquele baseado na incongruência. Para isso, os pesquisadores simplesmente cortam o final de uma sequência de quadrinhos ou de uma piada, deixando o próprio sujeito submetido à pesquisa escolher qual dentre uma série de alternativas oferecidas vai gerar o final mais engraçado. O exemplo apresentado por Ayan é o seguinte:

*O vizinho irritante, que sempre quer alguma coisa, toca a campainha do senhor Schmidt num domingo de manhã e pergunta: “O senhor vai precisar do seu cortador de grama hoje à tarde?” – “Sim”, respondeu o senhor Schmidt secamente.*

Como continua a história?

Aqui as possibilidades oferecidas pelos pesquisadores:

*A: “Que bom. Como hoje o senhor com certeza não vai precisar de sua bola de futebol, eu posso pegá-la emprestada.”*

*B: “Hum... Talvez eu possa pegá-lo emprestado, quando o senhor tiver acabado.”*

*C: “Ai!”, exclama o vizinho quando sai e o ancinho no qual pisou sem querer bate em sua cabeça.”*

*D: “Os passarinhos pegam a grama recém cortada o tempo todo.”*

Ayan (2009) relata que claramente a alternativa A é o clímax engraçado. A alternativa B faz sentido, mas não apresenta humor, não é engraçada. A C é o exemplo total da comédia “pastelão”; e a D além de não ter graça, não se encaixa no contexto.

Segundo os pesquisadores, conta Ayan (2009), aquele que acha a alternativa C mais engraçada provavelmente tenha problema com a memória de trabalho (a responsável pelo armazenamento temporário de informações com as quais lidamos diariamente, mas que tem



capacidade limitada). “É esse aspecto mnemônico que se mantém mais ativo do início da piada até o seu clímax” (AYAN, 2009, p.55).

Hueck (2009) coloca que o humor faz parte do sistema de recompensa do cérebro, aquele que libera dopaminas e outros hormônios responsáveis pela sensação de prazer. Pode-se dizer que o humor é a quebra de um padrão mental. Por exemplo, quando alguém narra algo engraçado, a situação inicial parece perfeitamente normal. O que vem em seguida e é inesperado, inusitado, causa a risada. É essa quebra de padrões somente *é engraçada* porque nosso cérebro está constantemente *organizando* tudo em lógicas perfeitas. A biologia evolutiva explica bem o porquê de essa característica ter se mantido em nossa espécie: através da habilidade de reconhecer padrões, podemos observar e prever o mundo ao nosso redor.

Nossos neurônios procuram padrões em tudo, inclusive em ideias. Se duas ideias forem muito distantes ou muito estranhas uma da outra, *voilà*, a gargalhada está garantida. E é aí que entram as diversas técnicas de fazer humor: a ironia (a Gisele Bündchen é mesmo horrorosa, né?), o exagero (faz 10 mil anos que eu não como), o duplo sentido e o mais efêmero dos humores – o trocadilho (eu pinto retratos, o Jânio Quadros) (HUECK, 2009).

“Achar graça nas coisas” é muito importante. Sobretudo porque traduz uma forma de comunicação. A risada é uma comunicação mais antiga que a fala. Compartilhar histórias engraçadas ainda serve para formar grupos e alianças sociais, através das “piadas internas” que *excluem* do grupo aqueles que não as conhecem. E, além disso tudo, o humor tem a função de *deixar a vida mais leve*, amenizando situações e climas tensos.

## 2 ESTUDOS EXPLORATÓRIOS

A pesquisa é qualitativa e foi dividida em duas partes: a primeira foi a verificação da ocorrência do humor em testes de concursos vestibulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); a segunda, a análise da existência ou não do humor no ensino de Ciências e Biologia através de observações de aulas e entrevistas com professores. A seguir, apresento as estratégias metodológicas de cada parte da pesquisa e seus, posteriormente, os resultados:

### 2.1 Primeira parte: Existe humor nas provas de vestibular?

Foi realizada uma análise das provas de Biologia da UFRGS de 1996 a 2011. Dezesesseis questões foram consideradas por mim como tendo *humor explícito* ou com a *possibilidade de causar o riso*, mesmo sem que o humor *esteja* na questão. Por *humor*

*explícito* quero dizer questões que façam uso de objetos tradicionalmente utilizados no humor, como charges, quadrinhos etc. As questões por mim classificadas como *prováveis de causar o riso*, são questões que trazem em si algo que pode ser engraçado dependendo do contexto em que se inserem. Como exemplo, é possível citar a questão de número 31 da prova de Biologia do concurso vestibular da UFRGS de 1998 (disponível na página 20 deste documento). A questão em si não apresenta humor, porém se aplicada em um contexto de sala de aula, possivelmente causará o riso e brincadeiras entre os alunos. Algumas questões podem ser classificadas como *divertidas*, pois procuram a aproximação da matéria com o dia a dia dos estudantes, como por exemplo, a questão número 22 da prova de 2009 (disponível na página 31), que utiliza um seriado de televisão como “pano de fundo” para avaliar conhecimentos de genética.

Com a verificação do uso de humor como ferramenta nas provas de vestibular – fato que se comprova pela ocorrência de 16 questões *humoradas* nos últimos 16 anos – nosso objeto de estudo passou a ser a identificação do uso do humor em sala de aula.

## **2.2 Segunda parte: O humor está presente nas aulas de Ciências e de Biologia? De que forma?**

Foram realizadas cinco observações de aulas de Ciências e Biologia e, posteriormente, entrevistas com os professores. Durante as observações, eu tentava captar toda a forma de humor que se apresentava, fosse entre professor e aluno ou entre os alunos. Os dados foram então recolhidos em um quadro que apresenta se houve reação ao recurso *humorado* ou não, quantos alunos reagiram e que tipo de reação.

Muitas vezes, os alunos não expressam corporalmente suas reações. Por exemplo, percebi que o uso de analogias para explicar alguma matéria era sempre muito apreciado pelos alunos, mas esses não riam ou gargalhavam. Eles expressavam seu contentamento *fazendo que sim com a cabeça* ou anotando a analogia para não mais esquecer.

Lembramos que nosso trabalho tem por objetivo buscar todas as formas que visem deixar a aula *mais divertida*. Para ser divertida – *diversa, diferente* – a aula pode, ou não, conter humor. Aulas com exemplos, analogias, histórias, recursos tecnológicos etc, mesmo que não *humorados* são aulas divertidas.

Após a observação das aulas, era realizada uma entrevista com os professores. As entrevistas eram guiadas por um roteiro semi-estruturado.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Primeira Parte: Análise das questões do vestibular

Abaixo estão as 16 questões que julguei *humoradas* no levantamento dos últimos 16 anos de provas de biologia do concurso vestibular da UFRGS. Cada questão apresenta o gabarito oficial do concurso e um breve comentário sobre o porquê de eu tê-la considerado *com humor* ou *divertida*. Todas as imagens foram escaneadas das provas dos vestibulares da UFRGS.

#### UFRGS 1996 – Questão 27

Gabarito: C

27. Uma pesquisadora analisou células da mucosa bucal de frentistas de postos de gasolina. Foram encontradas muitas células que, além do núcleo, apresentavam micronúcleos originados em cromossomos defeituosos.

Quanto a esses micronúcleos, podemos supor que se originaram a partir de

- (A) translocação.
- (B) substituição.
- (C) deleção.
- (D) deslocação.
- (E) bipartição.

**Comentário:** Essa é uma das questões que enquadrei na categoria “possível de causar riso”. Não há humor nela. De forma alguma o autor da questão pretendia fazer uso do humor. Porém, no caso de desconhecimento da matéria, a questão pode provocar riso: uma pessoa desinformada pode pensar que o uso de “frentistas” é “para fazer graça”.

## UFRGS 1998 – Questão 38

Gabarito: B

31. Maria teve um filho, e Pedro, seu ex-namorado, nega a paternidade da criança, alegando que o filho pode ser de Paulo (irmão de Pedro), ou de João (primo de Pedro), ou ainda de um vizinho, Antônio. Para solucionar esse impasse, a família de Maria resolveu fazer um teste de paternidade, e o resultado foi o seguinte:

Porcentagem de hibridização (semelhança) com o DNA da criança	Indivíduo
5%	João
49%	Pedro
27%	Paulo
> 1%	Antônio

Assinale a alternativa que interpreta corretamente os resultados do teste.

- (A) A criança não é filha de nenhum dos supostos pais, pois todos os resultados foram menores que 85%.
- (B) A criança é filha de Pedro, pois, aproximadamente, 50% dos genes são herdados da mãe e 50%, do pai.
- (C) A criança é filha de João, pois, para se hibridizarem, os DNAs devem ser diferentes.
- (D) O teste não foi conclusivo, pois deveríamos ter hibridizado o DNA do pai com o da mãe.
- (E) Pedro e Paulo são, na verdade, irmãos adotivos.

**Comentário:** Outra questão que não tem humor, mas que pode provocar, dependendo de quem a lê. A possibilidade ou não de haver riso depende do capital cultural do leitor. A pessoa pode perceber maior ou menor potencial de humor resultante da situação que a questão descreve, isto é, a traição, a desconfiança “do namorado”, a veracidade da paternidade e o tabu familiar (o irmão e o primo do namorado são apontados como supostos pais do bebê). No contexto de sala de aula, com alunos adolescentes, muito provavelmente o riso, os gracejos e até brincadeiras preconceituosas, humilhantes e que visem a desqualificação dos colegas apareceriam.

**UFRGS 2002 – Questão 11**

Gabarito: B

---

**11.** Leia a letra de música abaixo.

**O Pulso**

O pulso ainda pulsa O pulso ainda pulsa

Peste bubônica, câncer, pneumonia, Raiva,  
1                    2                    3                    4  
rubéola, tuberculose, anemia, Rancor, cisticercose,  
5                    6  
caxumba, difteria, Encefalite,  
7                    8                    9  
faringite, gripe, leucemia O pulso ainda pulsa O  
10                    11  
pulso ainda pulsa...

**Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Toni Belloto.**

Marque a alternativa que apresenta apenas números correspondentes a doenças que, por serem de origem bacteriana, podem ser tratadas com antibióticos.

- (A) 5 – 6 – 7
- (B) 3 – 6 – 8
- (C) 1 – 4 – 5
- (D) 7 – 9 – 11
- (E) 2 – 4 – 10

**Comentário:** Uma questão divertida, que traz uma música da banda de rock brasileira Titãs (criada em 1981) como “pano de fundo” para avaliar os conhecimentos dos alunos sobre doenças causadas por bactérias. As *Professoras Viena e Paris* disseram que já utilizaram essa música em sala de aula com os alunos.

## UFRGS 2002 – Questão 05

Gabarito: C

05. Leia a tira abaixo.



Adaptado de: Zero Hora, 25 out. 2001, Segundo Caderno, p. 11.

Considere as seguintes afirmações.

- I - Contribuem para a aeração do solo e a formação de húmus.
- II - O sangue desloca-se por um sistema fechado de vasos.
- III - A excreção se faz por meio dos túbulos de Malpighi.

Quais delas se referem ao grupo citado na tira?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas III.
- (C) Apenas I e II.
- (D) Apenas II e III.
- (E) I, II e III.

**Comentário:** Fernando Gonsales é um cartunista brasileiro nascido em 1961 na cidade de São Paulo. Formado em Biologia e em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo, é o criador do personagem Níquel Náusea, um rato (sátira ao personagem da Disney Mickey Mouse). Muitas tirinhas de Gonsales apresentam informações científicas, o que é bastante explorado pelas provas de vestibulares.

É interessante notar a preocupação do autor da questão em deixar a tira como ilustração, ou seja, a interpretação da tira não é fundamental para o entendimento da questão. Pude perceber esse fato em todas as questões das provas de biologia. O contrário, por exemplo, é verificado na questão 48 da prova de história de 1998 (abaixo – Gabarito letra C), em que a interpretação crítica da charge é fundamental para que a resposta correta seja encontrada. O estudante tem que reconhecer a ironia da charge para acertar a questão.

48. A partir da gravura abaixo, é possível afirmar que, logo após a emancipação política do Brasil,



(Fonte: SCHIMIDT, M. *História crítica do Brasil*. São Paulo : Nova Geração, s.d. p. 90.)

- I - os escravos estavam gratificados porque, desde aquele momento, não podiam ser recomprados pelos comerciantes de escravos e vendidos em outras partes da América.
- II - a abdicação do primeiro Imperador determinou o fim da escravidão.
- III - a situação dos escravos permaneceu essencialmente a mesma do período colonial.

Quais afirmativas completam corretamente a frase inicial?

- (A) Apenas I
- (B) Apenas II
- (C) Apenas III
- (D) Apenas I e II
- (E) Apenas I e III

“Poxa, depois da Independência nossa vida melhorou um bocadão!”

## UFRGS 2003 – Questão 15

Gabarito: B

15. (UFRGS/2003) Leia a tira abaixo.



Considere as seguintes possibilidades de respostas à pergunta do boi constante do primeiro quadrinho da tira.

- I. Porque a elevada atividade metabólica dos bovinos requer a ingestão constante de alimento.
- II. Porque o alimento é regurgitado voluntariamente do rúmen para a boca.
- III. Porque a celulose é um substrato de difícil degradação e necessita ser bem macerada.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas I e II.
- (D) Apenas II e III.
- (E) I, II e III.

**Comentário:** Outra questão com uma tira do cartunista Fernando Gonsales. Os ruminantes apresentam elevada massa e pequena atividade, o que resulta em baixo metabolismo, sendo necessária constante alimentação. O alimento que retorna à boca dos ruminantes é proveniente da segunda câmara estomacal, denominada retículo ou barrete, e não do rúmen. A digestão da celulose é decorrente da intensa mastigação e da degradação a partir de microrganismos presentes no estômago dos ruminantes.

### UFRGS 2004 – Questão 10

Gabarito: E

10. Leia a tira abaixo, que ilustra os dilemas alimentares na vida de uma esponja.



Adaptado de: *Zero Hora*, 26 jul. 2003.

O desejo da esponja, expresso no último quadro, não pode se realizar. Na evolução dos metazoários, a aquisição fundamental que possibilitou a digestão de macromoléculas, a qual não está presente na esponja, é

- (A) a digestão intracelular.
- (B) o celoma.
- (C) o blastóporo.
- (D) a diferenciação celular.
- (E) a cavidade digestiva.

**Comentários:** “Os Bichos” foi criada em 1972 por Rog Bollen sobre animais numa reserva africana. Com a morte de Bollen, em 1994, o cartunista Fred Wagner passou a ser o responsável pelas tiras.

A tira brinca com o fato de as esponjas serem animais parazoários, ou seja, que não possuem tecidos; não apresentando, assim, cavidade digestiva.



## UFRGS 2004 – Questão 01

Gabarito: A

**BIOLOGIA****01.** Leia o parágrafo abaixo.

*Foi pro brejo.* Essa expressão denota preconceito, dizem os pesquisadores da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB), em entrevista ao jornal *Agir Azul*. Tal expressão pejorativa refere-se a áreas freqüentemente consideradas inúteis, devido a características como a pobreza visual e a produção de muita umidade. Ao contrário do que se pensa, esses ambientes são considerados ricos reservatórios genéticos, por apresentarem alta diversidade biológica. No Rio Grande do Sul, um subprograma do Projeto Pró-Guaíba, coordenado pela FZB, tem como alvo essas áreas de solo cobertas por uma delgada lâmina de água e vegetação palustre, que são o hábitat de muitas espécies de plantas e animais.

A que tipo de ecossistema o parágrafo se refere?

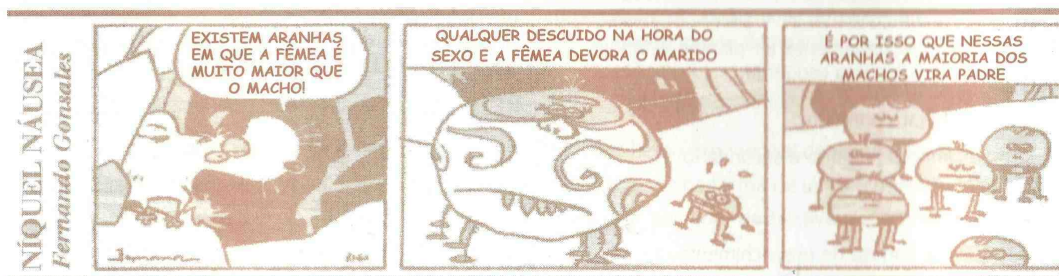
- (A) Ao banhado.
- (B) Ao mangue.
- (C) Aos campos rupestres.
- (D) Ao cerrado.
- (E) À mata com araucárias.

**Comentário:** A questão faz uso de uma expressão coloquial e de uma entrevista a um jornal para avaliar conhecimentos de ecologia. Banhados são ambientes com solo coberto por fina lâmina de água doce, encharcado e com muita umidade. Manguezais são resultado do encontro das águas marinhas rupestres com águas continentais. Já os campos cerrados e matas com araucárias não estão cobertos com água.

## UFRGS 2005 – Questão 16

Gabarito: C

16. Leia a tira abaixo e as afirmações que a seguem.



Zero Hora, 22 out. 2003.

- I - A fala do primeiro quadrinho refere-se ao dimorfismo sexual, observado nessa classe de artrópodes.
- II - Os aracnídeos apresentam fecundação externa, são vivíparos e seu desenvolvimento é direto.
- III- A seqüência de quadrinhos aborda a seleção sexual, a qual se relaciona com a escolha de um parceiro para a reprodução.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas I e III.
- (D) Apenas II e III.
- (E) I, II e III.

**Comentário:** Novamente uma tira do Níquel Náusea para avaliar os conhecimentos de zoologia. As aranhas apresentam dimorfismo sexual, ou seja, o macho geralmente é menor que a fêmea; apresentam fecundação interna através da inserção dos pedipalpos do macho na fêmea; e, a partir da interpretação da tira, entende-se que se trata de seleção sexual, que está presente em muitos outros grupos de animais.

## UFRGS 2006 – Questão 21

Gabarito: B

21. Conforme correspondência publicada na revista científica *Nature* de agosto de 2005 (p. 776), foi sugerido que a característica de ser ou não bruxo seguiria padrão de segregação mendeliana. Rony, Neville e Draco são bruxos, filhos de pais bruxos, provenientes de famílias bruxas tradicionais. Hermione é bruxa, mas filha de trouxas (não bruxos). Simas é bruxo, filho de uma bruxa e de um trouxa. Harry é bruxo, filho de bruxos, sendo sua mãe filha de trouxas.

Com base no texto, considere as seguintes afirmações sobre o caráter bruxo em termos genéticos.

I - Harry é menos bruxo que Rony, Neville e Draco.

II - Hermione apresenta dois alelos para o caráter bruxo.

III - Simas é heterozigoto para o caráter bruxo.

Quais estão corretas?

(A) Apenas I.

(B) Apenas II.

(C) Apenas I e III.

(D) Apenas II e III.

(E) I, II e III.

**Comentário:** Essa questão avalia conhecimentos de genética e trata de personagens da série *Harry Potter*, criada pela britânica J.K. Rowling, cujo primeiro volume foi lançado em 1997. A questão ainda faz menção a um artigo da revista *Nature*, uma das publicações mais bem conceituadas no meio científico. Cabe ressaltar que não é necessário o conhecimento prévio de informações sobre a série *Harry Potter* – eu, inclusive, nunca li os livros ou assisti aos filmes – e, talvez, os estudantes aficionados pelas aventuras do jovem bruxo fiquem animados ao encontrar uma questão que aborde o tema.

Através da descrição no enunciado da questão, entende-se que o gene para ser bruxo é recessivo. Assim, para alguém ser bruxo é necessário ser homozigoto recessivo.

## UFRGS 2007 – Questão 16

Gabarito: D

16. Na novela das 20h, um dos temas tratados é o nascimento de uma criança com síndrome de Down. Trata-se de uma menina gêmea de um menino que não apresenta a síndrome.

Com base nessas informações, considere as afirmações abaixo.

- I - Esses gêmeos são dizigóticos.
- II - A síndrome de Down é uma aneuploidia sexual.
- III- A síndrome dessa menina pode ser decorrente de um erro durante a meiose I ou II.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas III.
- (D) Apenas I e III.
- (E) Apenas II e III.

**Comentário:** Essa questão faz referência a um tema tratado na *novela das 20h*, programa televisivo presente na vida dos brasileiros há décadas. *Novela das 20h* é apenas uma ilustração para o que vai ser pedido na questão, não sendo necessário assistir o programa ou saber do que ele trata. Mas talvez um aluno que não saiba o que é *novela das 20h* fique nervoso ao se deparar com isso logo no início da questão. Apesar dessa remota possibilidade, considero interessante o uso de fatos do dia a dia nas provas, pois aproxima o cotidiano do estudante e o conteúdo de sala de aula. Talvez isso até incentive os professores a utilizarem referências do dia a dia em suas aulas, tornando-as mais atrativas aos alunos.

Em relação à resposta, letra D, pois filhos gêmeos de sexos diferentes são resultado de fecundações diferentes. Gêmeos monozigóticos obrigatoriamente apresentam o mesmo sexo e a mesma anomalia, o que não é o caso pedido na questão. A afirmativa II está incorreta, pois a síndrome de que trata a questão é relacionada o cromossomo 21 e não ao par sexual (XX e XY). E a afirmativa III está correta, pois erros de meiose podem ocorrer em qualquer das duas etapas dessa divisão celular.



## UFRGS 2008 – Questão 13

Gabarito: A

13. Os personagens da animação *Bob Esponja* pertencem a diferentes grupos de animais. Num mesmo cenário, convivem Bob Esponja (uma esponja), Gary (um caracol), Sr. Siriguejo (um siri), Patrick (uma estrela-do-mar), Lula Molusco (uma lula) e Sandy Bochecha (um esquilo).

Entre os personagens citados, são deuterostômios

- (A) Patrick e Sandy Bochecha.
- (B) Sr. Siriguejo e Sandy Bochecha.
- (C) Lula Molusco e Bob Esponja.
- (D) Gary e Patrick.
- (E) Bob Esponja e Gary.

**Comentário:** *Bob Esponja* é um desenho animado norte-americano criado em 1999. O personagem principal, *Bob Esponja*, é um representante do Filo Porifera; seus amigos são uma estrela-do-mar (Filo Equinoderma), uma lula (Filo Molusca) e um esquilo (Filo Chordata). Dentre esses, são deuterostômios os equinordemos e os cordados. O conhecimento de zoologia é novamente abordado tendo como “pano de fundo” algo que se encontra no universo do humor oferecido aos estudantes, em jornais e outras mídias.

**UFRGS 2009 – Questão 22**

Gabarito: E

22. No seriado *A Pequena Grande Família*, são descritos os desafios diários da família Roloff, na qual os pais são anões, e os filhos, anões ou não. O nanismo do pai (Matt) tem padrão de herança autossômico recessivo, e o nanismo da mãe (Amy) é autossômico dominante. Sabe-se que a chance de nascimento de uma criança anã nesta família é de 50%.

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações que seguem, sobre a situação exposta.

- ( ) A consangüinidade do casal Roloff pode explicar a chance de nascimento de uma criança anã.
- ( ) O nanismo na família Roloff é um exemplo de heterogeneidade genética.
- ( ) Os filhos homocigotos do casal sofrem lesão letal durante a gravidez.
- ( ) O filho anão deste casal apresenta nanismo com padrão de herança semelhante ao de Amy.

A seqüência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- (A) F – F – V – V.
- (B) F – V – V – F.
- (C) V – F – F – V.
- (D) V – F – V – F.
- (E) F – V – F – V.

**Comentário:** Uma questão divertida, que avalia conhecimentos de genética utilizando como “pano de fundo” um seriado norte-americano transmitido na televisão fechada. Novamente não é fundamental conhecer o contexto do seriado, pois todas as informações necessárias estão explicadas no enunciado da questão.



A família Roloff do seriado “A Pequena Grande Família”.

## UFRGS 2009 – Questão 16

Gabarito: D

16. Leia a tira abaixo.



Considere as afirmações abaixo, referentes à lagarta da tira quando se torna adulta.

- I - Ela é um inseto holometábolo.
- II - Ela absorve o ar através de brânquias.
- III - Ela apresenta aparelho bucal do tipo sugador.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas III.
- (D) Apenas I e III.
- (E) I, II e III.

**Comentário:** Questão de zoologia com tira do Fernando Gonsales.



## UFRGS 2010 – Questão 01

Gabarito:D

01. Leia o quadrinho abaixo.

Adaptado de: <<http://clubedamafalda.blogspot.com>>. Acesso em: 8 jan. 2006.

Considere o enunciado abaixo, referente ao significado da resposta de Mafalda, e as três propostas para completá-lo.

A expressão *direção 5' → 3'* refere-se

- 1 - à ligação entre fosfato e açúcar no processo de replicação do DNA.
- 2 - à atividade da enzima RNA polimerase no processo de transcrição do RNA.
- 3 - à união entre os aminoácidos no processo de tradução das proteínas.

Quais propostas estão corretas?

- (A) Apenas 1.
- (B) Apenas 2.
- (C) Apenas 3.
- (D) Apenas 1 e 2.
- (E) 1, 2 e 3.

**Comentário:** O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é o autor da tira Mafalda, criada em 1962. Nesse quadrinho, Mafalda, sempre preocupada com o destino da humanidade, e seu amigo Felipe discutem o “sentido da vida”. Mafalda faz referência à direção em que ocorre a síntese de proteínas nas células. Curiosamente, esse foi o quadrinho utilizado pelo Professor Barcelona na avaliação de seus alunos no ano de 2009 (antes de o quadrinho aparecer na prova de vestibular da UFRGS).

## UFRGS 2011 – Questão 13

Gabarito: E

13. Leia a tira abaixo.



Adaptado de: VERÍSSIMO, Luis Fernando.  
*Terramagazine*. São Paulo, 26 dez. 2006.

Invertebrados como os citados na tira têm em comum

- (A) exoesqueleto de quitina.
- (B) circulação fechada.
- (C) respiração traqueal.
- (D) excreção por meio de nefrídeos.
- (E) corpo metamerizado.

**Comentário:** O escritor, cartunista, fã de jazz, cronista, saxofonista, intelectual e colorado Fernando Veríssimo é o autor da tira “As Cobras”. Criadas na década de 1970, “As Cobras” foram “aposentadas” em 1997, quando Veríssimo completou 60 anos. “Não ficava bem um sexagenário desenhando cobrinhas” disse o autor. Nessa questão são avaliados conhecimentos de zoologia. A pulga, um inseto (Filo Artropoda), apresenta metamerização assim como os anelídeos (Filo Anelida).

### 3.2 Segunda Parte: Quadros das observações

Inspirada no trabalho de Rodrigues (2010), que para manter o anonimato de seus entrevistados substituiu seus nomes por nomes de aves, utilizei nomes de cidades. Assim, os professores por mim entrevistados apresentam as seguintes características:

Quadro	Professor	Formação	Nível	Local de trabalho
1	Edimburgo	Biólogo, Doutor em Bioquímica	Graduação em Ciências Biológicas	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre)
2	Barcelona	Biólogo Licenciado	Ensino Fundamental (EJA)	Escola Pública Federal (Porto Alegre)
3	Nápoles	Biólogo Licenciado	Curso Pré-Vestibular	Curso Pré-Vestibular Privado (Osório)
4	Paris	Bióloga, Doutora em Genética	Ensino Regular Médio	Escola Pública Federal (Porto Alegre)
5	Viena	Bióloga Licenciada	Ensino Regular Médio	Escola Pública Estadual (Porto Alegre)

A seguir são apresentados os **Quadros** com os *momentos humorados e divertidos* que identifiquei e um comentário geral de cada aula observada. Frente à extensão do trabalho e para não sobrecarregar o leitor, resolvi selecionar três quadros e entrevistas, os quais considerei mais significativos no contexto do trabalho. As entrevistas completas podem ser encontradas transcritas nos Anexos deste documento.

#### 3.2.1 Quadro número 1

Professor Edimburgo					
Nível: Graduação em Ciências Biológicas					
Formação do Professor: Biólogo, Doutor em Bioquímica					
Assunto da aula: Ciclo do Ácido Cítrico					
Número de alunos em aula: 20					
Momento	Reação Alunos	Tipo de reação	Número de pessoas envolvidas	Recurso utilizado pelo Professor	Comentários/Análise
1	Sim	Fazer que sim com a	Três	Analogia do Ciclo do Ácido Cítrico com	Nenhum aluno esboçou sorriso, mas pareceram

		cabeça		uma Rótula de Trânsito.	apreciar a analogia pois logo tomaram nota do que o professor havia falado.
2	Sim	Esboço de sorriso	Dez	Ironia. Soma de ATPs produzidos: $9+2\dots 11$ .	O Professor disse “onze” como se estivesse ensinando os alunos a contar: “ooooze”.
3	Sim	Esboço de sorriso	Dez	Ironia. Sobre o limite de estocagem de gordura nas células. “Infelizmente, não”.	O Professor respondeu com tom irônico, lamentando o fato, pois está acima do peso e como as células não tem limite para estocagem de gordura, sugere que ele seguirá engordando.
4	Sim	Esboço de sorriso	Cinco	Ironia “obesidade não é mais desvio de caráter”.	Após o Professor explicar a ironia, outros alunos esboçaram um sorriso leve. Novamente uma alusão ao seu estado físico.
5	Sim	Esboço de sorriso	Cinco	Analogia irônica. “anãozinho” que controla o metabolismo da célula.	Poucos esboçaram o sorriso, mas todos olhavam com muita atenção para o Professor.
6	Sim	Esboço de sorriso	Dez	Pergunta irônica. “Pacote de chips ou laranja?”	A explicação sobre preferências alimentares humanas terminou com essa pergunta, que apresenta resposta óbvia.
7	Sim	Esboço de sorriso	Dez	Frase irônica. “Viviam enchendo o saco com material de internet”.	Em mais um momento de curiosidades relacionadas ao conteúdo, o Professor conta que alguns alunos o procuravam com materiais sobre Porfíria.
8	Sim	Sorriso e conversas laterais rápidas	Quinze	Explicação irônica sobre a “Dieta de Beverly Hills”: “Sim, estão emagrecendo pois estão ficando	Maior reação observada no período. Um número maior de alunos reagiu. O Professor explicava o mecanismo das “dietas

				doentes”.	milagrosas” e faz uma sátira dos emagrecimentos velozes, tal como ocorre nas doenças graves.
--	--	--	--	-----------	--

**Comentário geral:** Ao final do período conversei com dois alunos. Ao serem perguntados se a aula havia sido “divertida”, ambos responderam que “sim”. Os motivos? “O Professor traz exemplos do que está no quadro” e “estávamos todos bem humorados”. As reações aos momentos com humor foram leves e rápidas, com exceção a um dos últimos momentos da aula (momento 8 da tabela). O Professor não tinha a intenção explícita de fazer graça, tudo acontecia naturalmente. Uma de suas características é de falar sem pausas, sem titubear. Considero esse um dos motivos de as reações dos alunos serem instantâneas, ou seja, não é interessante se concentrar por muito tempo em uma das ironias ou analogias engraçadas apresentadas pelo Professor, pois corre-se o risco de perder a informação seguinte. Posso afirmar com toda a certeza a importância dos instantes de humor na concentração e foco dos alunos durante o período. Durante 1h30, todos estiveram bastante concentrados em tudo o que o Professor falou.

### 3.2.2 Quadro número 2

#### Professor Barcelona

**Nível:** Sétima série do Ensino Fundamental (EJA)

**Formação do Professor:** Biólogo Licenciado

**Assunto da aula:** Sistema Cardiovascular

**Número de alunos em aula:** 12 (inicialmente 9, os demais chegaram ao longo do período)

Momento	Reação Alunos	Tipo	Número de pessoas envolvidas	Recurso utilizado pelo Professor	Comentários/Análise
1	Sim	Esboço de sorriso e argumentos	Quatro	Antes do início da aula, o professor junto a um grupo de quatro alunos conversava sobre os últimos resultados dos jogos de	É muito importante a aproximação do professor e do aluno. A relação que se estabelece é horizontal. Conversavam sobre futebol. Inclusive com pequenas

				futebol.	provoações, mas o efeito era positivo.
2	Sim	Esboço de sorriso e conversa na sala de aula	Seis	“O fim do mundo é relativo”. Conscientização sobre a definição de “fim do mundo”.	O professor havia perguntado a um aluno a data daquele dia de aula. Ele respondeu “o fim do mundo”, dando a entender uma data divulgada pela mídia e comentada pelo senso comum como um suposto “dia em que acabaria o mundo”. O professor então disse “o fim do mundo é relativo”. Por instantes conversaram sobre o que seria o fim do mundo.
3	Sim	Risadas	Seis	Pergunta do professor: “Ocorreu uma rixa aqui?”	A turma estava assim distribuída: quatro alunos de um lado, e quatro do outro, sentados junto às paredes da sala. O professor provocou-os para saber por que estavam sentados naquela disposição que sugeria um enfrentamento.
4	Sim	Risadas	Seis	“O Iago está na aula do sistema digestório ainda”.	Quando fazia uma pequena revisão da matéria com perguntas aos alunos, um menino se atrapalhou e lembrou fatos de outro assunto, indicando que o aluno Iago estava “atrasado”, não estava presente mentalmente naquele instante.
5	Sim	Risadas	Quatro	Aluno queria mostrar que desenhou um coração bonito no caderno.	Um dos alunos mais novos da turma (que deve ter perto de 15 anos enquanto muitos outros tem mais de 40) foi valorizado pelo professor.

6	Sim	Risadas e conversas	Nove	“Não mudem a personalidade depois de eleitos”.	Candidatos ao grêmio estudantil da escola estiveram na sala para divulgar as eleições e o comentário faz uma alusão crítica aos políticos.
7	Não	-	-	Analogia do sistema vascular com um encanamento.	Não houve reação com risos, porém foi possível perceber que a analogia facilitou a compreensão.
8	Sim	Risadas	Dois	“Por que? Ó céus?” disse o professor após fazer uma pergunta aos alunos.	O professor interpretou um personagem por instantes, brincando com os alunos, valendo-se de um texto não coloquial.
9	Sim	Risadas	Cinco	Professor desenha coração quadrado no quadro	Na aula anterior um dos alunos auxiliou o professor a reproduzir o desenho do livro no quadro. Nessa aula ele não estava presente, assim, o professor fez um coração quadrado, rompendo com a lógica habitual da representação desse órgão.
10	Sim	Esboço de sorrisos	Nove	Desenho da circulação no quadro. E analogia com kart	Um dos alunos comparou a circulação do sangue com uma corrida de kart.
11	Não	-	-	Analogia. Para explicar o funcionamento das válvulas do coração, comparou-o com um balão com dois furos.	Os alunos não acharam graça, mas foi possível perceber que a figura de linguagem facilitou a compreensão do conteúdo.
12	Sim	Risadas e conversas	Cinco	“Quem criou o corpo, sabe muito!”, disse um aluno após a explicação sobre a válvula.	Um dos alunos disse isso e os demais concordaram e ficaram rindo e conversando sobre a afirmação.

13	Sim	Questionamentos e discussões	Seis	Logo após o momento 12, iniciou-se em sala de aula uma discussão para “definir qual o órgão mais importante do corpo humano”.	Um aluno fez esse questionamento. Todos palpitararam e o professor com beleza conduziu a discussão. Concluíram que vários são os órgãos “vitais”. A possibilidade de escolher um único órgão, o que seria incoerente, pode gerar temas cômicos.
14	Não	-	-	“Professor, o que é o sopro?”, perguntou uma aluna e o professor respondeu.	Coloquei como um momento de humor pois logo após a pergunta, alguns alunos responderam o questionamento da colega com tom irônico, o que provocou riso (momento 15).
15	Sim	Esboço de sorriso e gargalhadas	Oito	“É só colar com durex”, disse um aluno após uma discussão sobre como resolver o problema do “sopro no coração”.	Muitos riram, inclusive a aluna que havia feito o questionamento, o que mostra que tudo é encarado com bom tom.
16	Sim	Gargalhadas e conversas	Seis	“Agora então vamos fazer o teste do Paulo”, disse o professor.	Pareceu-me uma “piada interna” da turma, algo que já vem de muitas aulas. O aluno Paulo parece ter “paixão por testes” e o professor utilizou o recurso para chamar a atenção dos alunos.
17	Sim	Risadas e conversas	Seis	“A Vanda chegou!”, disse o professor quando uma aluna que sempre chega atrasada entrou na sala.	Essa me pareceu outra “piada interna” da turma, pois a graça se dá quando o código é reconhecido pela comunidade. Quem está fora dela, não compartilha desse riso.
18	Sim	Risadas	Dois	“O que você vai	Esse momento descreve a



				inventar para a próxima aula?”, perguntou uma aluna para o professor.	relação próxima existente entre professor e alunos.
19	Sim	Risadas leves e conversas	Cinco	“Não precisa andar armado”, disse o professor após um aluno perguntar se deveria trazer uma faca para a próxima aula.	O professor estava explicando como seria a aula seguinte, em que construiriam um esquema de sistema respiratório. Os alunos precisavam trazer garrafas plásticas, balão etc.
20	Sim	Esboços de sorrisos e gargalhadas	Nove	Balão = Bolão Garrafa PET = Refri Os alunos transformaram a aula prática em uma festa. “Isso, tragam tudo cheio e a gente come”.	Se divertiram bastante. E o interessante é que o professor tinha a habilidade de deixar a brincadeira “rolar” por uns instantes, concordando com os alunos, mas logo os “trazia de volta para a aula”.
21	Não	-	-	Exercício da frases. Atividade que ao mesmo tempo auxilia os alunos a compreender a matéria e exercitar a escrita e o raciocínio.	O professor colocou 12 palavras relacionadas à matéria estudada. Os alunos teriam que fazer três frases utilizando três dessas palavras. Logo após teriam que inverter a ordem das palavras, mantendo sentido nas frases. Posteriormente o professor comentou comigo que na aula passada propôs o mesmo exercício e que os alunos gostaram bastante, se divertiram e corrigiram as frases do colegas.
22	Sim	Esboço de sorriso	Nove	“Provinha no futebol”. Novamente a “piada interna” do teste do aluno Paulo (momento 16).	O próprio aluno Paulo sugeriu que a prova fosse de balões (futebol). “Nem vou para não humilhar. Depois vão me chama a atenção dizendo

					que estou baixando a felicidade do aluno”, disse o professor.
23	Sim	Gargalhadas e conversas	Cinco	Piada do grenal. Goleiro colorado disse “Me serve duas bolas. Mas na taça”.	O professor termina a aula com uma piada de futebol. Os alunos gostaram bastante.

**Comentário Geral:** O professor tem uma relação muito amigável com os alunos. Quando cheguei à escola, o encontrei conversando com dois adolescentes, que haviam sido seus alunos no ano passado. Já no momento da aula, quando nos dirigíamos para a sala, ele cumprimentou muitos alunos ao passar pelo corredor. Um deles inclusive lhe emprestou um pen drive com diversas músicas. Uma das características mais marcantes do Professor Barcelona é a sua calma. É extremamente calmo. Nada parece tirar-lhe do sério. A turma tinha alunos de diferentes idades (dos 15 aos 40 e poucos anos). O professor ouvia a todos. Conseguia organizar a turma para ouvir a todos. E não deixa ninguém debochar do outro. Todos, mesmo que erravam, eram ouvidos e respeitados. Logo que chegamos a sala de aula, ele cumprimentou cada aluno individualmente. Percebi que os alunos gostam muito do professor. Abriam-lhe sorrisos e respondiam às brincadeiras com muito bom humor. Com um grupo de rapazes, ele conversou sobre futebol. “Farreou muito por que ganhou a Europa?”, referindo-se à vitória do time de futebol Barcelona. O professor então passou recolhendo um trabalho escrito dos alunos. “O senhor quer me entregar?” “Dessa vez passa, mas dá próxima não dá, ok? Por que conta como avaliação”, disse ele ao aluno que não havia trazido a atividade escrita. Ele conversava muito com cada aluno, perguntando como estavam e também sobre coisas aleatórias de cada um. Percebi diversas brincadeiras que se repetem a cada aula, como, por exemplo, conversar sobre “o dia do fim do mundo”. “Que dia é hoje, Paulo?” E o aluno Paulo respondeu “próximo do fim do mundo”. Os alunos interagiam muito com o professor. Sempre respondendo aos seus questionamentos. O professor os chamava pelo nome e a aula foi muito dinâmica. Foi feita uma breve revisão da aula anterior, e os alunos respondiam o que o professor questionava. Grande parte participava ativamente e todos prestavam atenção. No início da aula, eram nove alunos. Três chegaram atrasados no decorrer dos dois períodos que observei. Mas todos participaram bastante. O diálogo ocorreu durante os dois períodos. E foi bastante interessante notar a aproximação do professor com os alunos e a linguagem utilizada, muito próxima dos alunos, o que prendia a atenção e facilitava o aprendizado. Por exemplo, o seguinte fragmento, que demonstra a importância de deixar o aluno se expressar por meio de suas palavras:

- O que é a veia, Iago?
- É um vaso, assim, mais tranquilo.
- Isso ai! É um vaso com menor pressão.

### 3.2.2 Quadro número 3

Professor Nápoles					
Nível: Curso Pré-Vestibular					
Formação do Professor: Biólogo Licenciado					
Assunto da aula: Genética – Mono e Diíbrido					
Número de alunos em aula: 40					
Momento	Reação Alunos	Tipo	Número de pessoas envolvidas	Recurso utilizado pelo Professor	Comentários/Análise
<b>Detalhe:</b> Trata-se de um tipo de aula bastante diferente das demais observadas e foram muitos momentos com humor. Praticamente a cada dois minutos, alguma referência humorada era produzida pelo professor. Os alunos responderam a grande maioria. Para não estender demasiadamente o material, priorizei alguns momentos mais significativos.					
1	Sim	Palmas e risadas	Trinta	Parabéns a aluna que ficou com a melhor nota no simulado	Logo após dar os parabéns à estudante, o professor disse “Se abrir concurso para Deus, ela passa”. Os alunos riram.
2	Sim	Risadas	Dez	Para pedir silêncio e concentração da turma, o professor falou “psiu” bem alto e sacudiu as mãos	Alguns alunos riram da situação e responderam “Ui”, “Ai”, como que fazendo referência a um homem efeminado.
3	Sim	Risadas	Quarenta	“Tu não te sentiu uma alcoólatra?”	Após me apresentar e explicar o que eu ali fazia, o professor pediu que a turma dissesse “Oi Ana” em conjunto. Depois que eles fizeram isso, pergunto para mim se eu havia me sentido num grupo de Alcoólicos Anônimos.
4	Não	-	-	O professor perguntou se eu gostaria de falar alguma coisa para os	Eu disse que não. Um aluno então disse “Sim, discurso!”. Mas a turma não

				alunos.	reagiu à sua intervenção.
5	Sim	Risadas	Cinco	O professor pediu para uma aluna repetir quatro vezes uma resposta.	Dizia “ahn?”, “de novo”, “mais uma vez”, para fazê-la repetir a resposta. Alguns riram.
6	Não	-	-	Analogia do gene recessivo como “gene dominado” em relação ao gene dominante.	Nenhum aluno reagiu.
7	Não	-	-	Para exemplificar dominância e recessividade, o professor fez uso de um exemplo hipotético com desenho de boneco com guampas.	Guampa seria dominante; sem guampa, recessivo. Os alunos pareceram gostar do exemplo.
8	Sim	Risadas	Cinco	O próprio professor disse “mas sor, eu aprendi com ervilhas” e logo depois “enfia no c* as ervilhas”.	O professor utilizou linguagem popular, bastante coloquial.
9	Sim	Risadas	Quinze	Como vamos chamar o Aa? “Cornudo”	Essa dinâmica de perguntar constantemente aos alunos foi interessante. E vale-se de termos populares, chulos, para nomear questões de genética.
10	Sim	Risadas e conversas	Vinte	“Como foi o final de semana? Quem pegou quem? Onde foram?”	Enquanto os alunos resolviam um exercício, o professor conversava sobre assuntos do dia a dia dos estudantes, aludindo a namoros em festas: pegar, seduzir, ficar.
11	Sim	Risadas	Dez	“E como é um rodeio? É tipo aqueles das novelas?”	Um aluno disse que havia ido a um Rodeio, o professor quis saber como era.

12	Sim	Risadas	Vinte	“Ai vai Fernando e Sorocaba, essa coisas?”	Os alunos riram bastante da dupla sertaneja citada pelo professor.
13	Sim	Gargalhadas	Trinta	“Rodeio tipo rave (festa de música eletrônica). O cara vai com pirulito.”	A gargalhada foi grande após o estudante dizer que o rodeio dura cinco dias.
14	Sim	Gargalhadas	Trinta	- Mas já tem caderno agora. - Sim, mas esqueci hoje.	O professor perguntou quem havia estudado, uma menina disse que não, mas agora ela já tinha comprado um caderno, porém o esqueceu. Todos riram bastante.
15	Sim	Risadas	Vinte	Brincadeira com o fato de os alunos estudarem pouco, dizendo que a prioridade é “assistir a novela”.	Logo depois falou “cuidem com isso ai”.
16	Não	-	-	Exemplo de diíbrido com pessoa que tem terceiro olho na testa e rabo de sereia.	O desenho dos personagens era feito no quadro.
17	Sim	Esboço de sorriso	Vinte	Após apresentar o exemplo do momento 16, disse “vocês devem estar pensando o que esse cara fumou, né?”	Os alunos estavam concentrados no exemplo, mas esboçaram um sorriso. Alusão ao uso de drogas.
18	Não	-	-	O exemplo do momento 16 foi contado com uma historinha dos personagens. Todos prestaram muita atenção.	
19	Sim	Risadas	Vinte	O professor errou um cálculo de MMC	

				(matemática)	
20	Sim	Risadas	Vinte	“Fiscal, me traz mais folhas para eu resolver o exercício!”	Representou o pedido de um aluno que faz o exercício da maneira mais complicada.

**Comentário geral:** O professor Nápoles é muito próximo dos alunos e por eles é muito querido. Logo que chegamos à Rodoviária de Osório, encontramos alguns estudantes do curso pré-vestibular e foi possível perceber isso. Os alunos contavam suas notas no simulado, pediam conselhos, as meninas mostravam-lhe a nova cor do esmalte etc. As conversas eram sempre muito bem humoradas. Eu fui colega do professor Nápoles em algumas disciplinas da faculdade e sei que essa é uma característica dele, ele é muito simpático e brincalhão.

Assisti à três períodos de aula, entrecortados por um intervalo de vinte minutos. Três horas de aula é um tempo bastante longo, daí a importância dos momentos de humor, ainda mais no início da tarde, por volta das 14h.

#### 4 DISCUSSÃO

O levantamento realizado nos últimos 16 anos de provas de biologia do vestibular da UFRGS rendeu 16 questões que considerei *humoradas* ou *divertidas*, ou seja, a cada 30 questões<sup>11</sup>, uma continha humor ou fatos do cotidiano. Isso mostra que, sim, o humor está presente nas provas, mas em proporção pequena. Não sei avaliar até que ponto esse fato é positivo ou negativo – um estudo mais direcionado seria interessante, principalmente avaliando se os resultados em provas “não tão sérias” são melhores. No início do trabalho fui à sede da Comissão Permanente de Seleção (COPERSE) da UFRGS verificar se poderia ter acesso ao número de acertos de cada questão dos vestibulares. A resposta foi positiva, existia a possibilidade de, através de uma solicitação do Orientador da pesquisa, termos acesso aos dados. Porém, o foco da pesquisa se modificou. Não víamos mais sentido em avaliar dados como número de acertos e erros. Passamos a investigar se, assim como aparece nas provas, o humor está presente nas aulas de biologia.

<sup>11</sup> Proporção considerando o número de 30 questões por prova – as provas da UFRGS já tiveram 35, 30 e agora tem 25 questões.

A pesquisa foi bastante extensa, envolvendo busca de materiais na internet, vasta bibliografia indicada pelo Orientador do trabalho, indicações de amigos, entrevistas e observações de aulas.

A partir das observações e, posteriormente, da construção dos quadros com os *momentos humorados*, verifica-se que o humor está presente em sala de aula – ao menos nas que observei. Mas de forma sempre bem particular. Os fatores que influenciam nisso são diversos: pode depender do *humor* do professor e dos alunos no dia, pode depender do assunto abordado, enfim, de todo o contexto que envolve aquele momento. Como observei somente uma aula de cada professor, é complicado afirmar com certeza, mas algumas características foram identificadas. A aula do Professor Edimburgo (Graduação em Ciências Biológicas), por exemplo, se caracterizou como a mais silenciosa, com alunos mais quietos. Tal fato pode ser decorrente de se tratar de outro contexto, com alunos mais maduros, visto que estão cursando o Ensino Superior. Questionei o Professor Edimburgo quando a isso, quanto ao fato de ter percebido uma turma bem silenciosa. Ele disse que a turma sempre foi assim, e que não cobra a presença dos estudantes. Ou seja, que está ali, está para aprender.

A aula do Professor Nápoles, por exemplo, foi a que mais momentos humorados apresentou. Tradicionalmente aulas de curso pré-vestibular são assim. O professor tem maior liberdade para brincar, para fazer graça. O vocabulário é mais solto – inclusive percebi o uso de uma linguagem bem solta entre professor e alunos.

Percebi a importância da permissão de fala aos alunos, seja com dúvidas, questionamentos ou observações. E esse pode ser um importante recurso, como se percebe na fala do Professor Nápoles:

*E eu não sei que tu te deu conta, enquanto a gente estava ali, os alunos falam algumas coisas que é muito engraçado e que algumas pessoas podem... Tem professor que fica mau humorado com isso. E eu gosto de ouvir por que isso melhora a minha aula. Se eu conseguir que um cara fale alguma coisa e os outros riem e fica um clima legal, melhor ainda. Usar isso.*

O humor, através de colocações do professor, se coloca como importante meio de avaliar se os alunos estão compreendendo o conteúdo. Pois uma piada, uma anedota ou colocação humorada pode ser comparada com uma mensagem criptografada: somente recebe a mensagem, aquele que possui a chave para decodificá-la. E essa chave é o conhecimento prévio sobre o assunto, o jogo de cintura para romper com o raciocínio linear que se construía. O humor solicita que se forme uma comunidade que compreenda o código, e a evidência disso é, por exemplo, uma risada generalizada sem que haja a explicação didática, ou seja, a explicação da anedota, da piada ou da colocação humorada. Somente ri verdadeiramente aquele que entendeu aquilo que o professor falou. Um outro tipo de reação

pode ser algo como a frase “ai que bobagem”, que também evidencia que a mensagem foi captada e entendida. O Professor Edimburgo relatou utilizar o humor também com esse intuito:

*(...) é uma linguagem [o humor] que desarma (...) eu acho muito interessante que os alunos riem comigo. Então assim ó, é uma coisa que se tu conduz a turma a que eles entendam que tu faz humor em cima do conteúdo que você está falando, a risada deles é uma maneira de eles dizerem que estão te entendendo. Por que se eles não riem é por que eles não estão entendendo o conteúdo e não entendem a piada, então tu tem que voltar e explicar de novo. Também é uma maneira de que eu possa conduzir e perceber sem ficar perguntando para eles “estão entendendo?”.*

Uma forma muito interessante de uso do humor que observei foi o uso de analogias e “de contar histórias”. As analogias auxiliam muito no aprendizado, especialmente se forem humoradas. Existe inclusive uma explicação científica para isso: a construção de redes neurais (aprendizado) é facilitada quando conectada a um conhecimento previamente existente, facilitando a memorização. Além, é claro, de servir como exemplificação, melhorando o entendimento do conteúdo.

O “contar histórias” é outro instrumento valiosíssimo, absolutamente cativante, que relaciona o cotidiano, a memória etc. Não aprofundi a pesquisa bibliográfica sobre o tema, mas pude perceber que os alunos adoram ouvir histórias. Aliás, essa é uma característica humana. Quem não para tudo o que está fazendo para ouvir uma boa história? E, se for realmente boa, a conta para aos amigos e familiares. Parece ser algo que vem desde a infância – ou será que permanece por causa da infância?

Professores e alunos são emissores e receptores de humor. Para que a mensagem seja efetiva, é importante que ambos “falem a mesma língua”. Principalmente se um deles pretende *fazer graça*. A professora Rio de Janeiro comentou na entrevista que certa vez contou aos alunos uma piada relacionada ao conteúdo que ela achava muito engraçada, mas que os estudantes não reagiram pois tratava-se de algo fora do contexto de vida deles. Ou seja, eles não conseguiram decodificar a mensagem. Ela teve que explicar a piada, que, então, perdeu totalmente a graça.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O humor pode modificar atitudes, despertar interesses, estimular a criatividade e aprimorar o aprendizado. Solicita que se forme uma comunidade que entenda um código específico. O resultado é o riso, a gargalhada, o relaxamento, o desenvolvimento das relações interpessoais. Porém, ao mesmo tempo, envolve também riscos, daí a importância de se



pensar o tema e de se desenvolver estratégias de abordagens. Os riscos que faço referência são a desqualificação do outro, a humilhação, o preconceito, o bullying.

O tema é tão amplo e importante como ferramenta de ensino e de aproximação entre professor e aluno, que acredito que deva ser considerado nos currículos dos cursos de licenciatura.

A escola ainda carrega estigmas e crenças adquiridas na Idade Média, quando o riso passou a ser visto como algo negativo. A sociedade se modificou, e conseqüentemente, o aluno, hoje, é outro. Recebe informações e influências de vários meios e o humor e o riso fazem parte do seu dia a dia. Daí a importância de uma modificação nos métodos tradicionais de ensino.

Não intenciono sugerir que professores transformem-se em bufões, humoristas ou piadistas. Mas o humor pode, sim, ser incorporado no dia a dia escolar. Percebi durante as observações das aulas a importância do uso de analogias, de contar histórias, do uso de charges e histórias em quadrinhos, enfim, de uma aula *diferente, diversa*. Como diz Lulkin (2008), uma aula em que os atores se divertem: “divergir, diversificar, mudar de direção, apartar-se, desviar movimentos que sugerem uma outra posição para olhar o evento, o acontecimento, a ideia” (Lulkin, 2008, p.19). É um tanto quanto *piegas* dizer isso, mas vejo o uso do humor em sala de aula como tudo na vida, uma questão de equilíbrio.

O tema é extremamente interessante e cativante. Espero que muitos estudos se sigam.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

AYAN, Steve. **O tombo do cérebro**. Coleção Mente e Cérebro. O poder terapêutico do bom humor. Ano XVI, n. 198, 2009.

BARRA, Tânia Regina da Silva. **O Averso da Costura: há humor na Escola?** Contribuições de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

BELTRÃO, Lícia M.F. **Sobre o riso com expectativa de ressonâncias**. Revista de Educação CEAP, Ano 16 n.1 (mar/2008), p.11-16, 2008.

BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a Significação da Comicidade**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BERK, Ronald A. **Does humor in course tests reduce anxiety and improve performance?** College Teaching, n. 48, p. 151-158, 2000.

FLAMSON, T. & BARRETT, H. C. **The encryption theory of humor: a knowledge based mechanism of honest signaling**. Journal of Evolutionary Psychology, n. 6, p. 361-281, 2008.

HUECK, Karin. **Você ri do quê?** Revista Super Interessante. Edição 265, p.64-69, 2009.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da lingual portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JABLONSKI, Bernardo & RANGE, Bernard. **O humor é só-riso?** Algumas considerações sobre os estudos em humor. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 36, p. 133-140, 1984.

JUSTO, José Sterza. Humor, educação e pós-modernidade. In Arantes, Valeria Amorim (org). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006. p. 103-112.

LULKIN, Sergio Andrés. **"Não mostre os dentes que eles tomam conta": aproximações da educação com o humor**. Revista de Educação CEAP, Ano 16 n.1 (mar/2008), p. 17-22, 2008.

LULKIN, Sergio Andrés. **O riso nas brechas do siso**. Porto Alegre: FAGED-UFRGS, 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MCMORRIS, R.F. URBACH, S.L. & CONNOR, M.C. **Effects of incorporating humor in test items**. Journal of Educational Measurement, n. 22, p. 147-155, 1985.

NASCIMENTO, Valmir. **A didática do humor**. Revista Profissão Mestre, 2006. Disponível em: <<http://comoviveremos.com/2006/08/11/a-didatica-do-humor/>> Acesso em: 22 de março de 2011.

PERLINI, A.H. NENONEN, R.G. LIND, DL. **Effects of humor on test anxiety and performance**. Psychological Reports, v. 84, p. 1203-1213, 1999.

RODRIGUES, Gabriela F. **A visão dos professores de Ciências e Biologia sobre o brincar e o silêncio em sala de aula**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, n. 17, p. 29-41, 2007.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**  
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANEXOS

Entrevistas

**Ana Carolina Carvalho de Melo**

Porto Alegre

2011

## ANEXOS

### Entrevista Professor Edimburgo (14:32)

**Data: 24 de Maio de 2011**

- Bom eu já lhe expliquei sobre o que é o meu TCC, né, sobre humor. Eu ia trazer para lhe mostrar, mas não conseguir imprimir, um levantamento que fiz entre várias provas de biologia da UFRGS de questões que contenham humor. Algumas apresentam até um “humor negro”. Existe uma questão da década de 90 que diz assim: “Maria tem um filho, mas praticamente não sabe de quem é. Pode ser do vizinho, pode ser do namorado etc.” Achei essa questão um pouco complicada, mas existem muitas também com charges, histórias em quadrinhos, notícias de jornais etc. E resolvi lhe entrevistar por que lembrei que o senhor faz uso das histórias em quadrinho nas suas provas. Por que o senhor faz isso?

- Primeiro por que eu sou fã de histórias em quadrinhos. E depois por que eu acho que é super importante que as pessoas entendam que uma coisa por ser séria, digamos assim, por ela ser importante ou por ela ter um nível de seriedade conceitual, ela não precisa ser séria de humor, né. Acho que existe uma capacidade de você através do humor você também trabalhar conceitos corretos, importantes e sensibilizar. E, além de tudo, a prova é um momento estressor, por mais que a gente não queira, não é? Por que durante muito tempo e na cabeça da maior parte dos professores, ela é usada como um dos instrumentos de poder do professor. O que eu não concordo que seja assim. Eu acho que a prova deveria ser um instrumento de aprendizado, daí o fato, tu deves lembrar como minha aluna, que eu sempre faço questão de corrigir a prova na semana seguinte, de mostrar o que estava conectado com a aula, o que não estava. Então assim, é até uma tentativa de colocar uma coisa não esperada na prova pra que ela quebre o sentido de instrumento de punição. Acho que é mais ou menos por aí.

- E você sempre usou isso?

- Desde que eu me entendo por Professor.

- Você fez licenciatura?

- Não, fiz bacharelado em Biologia Molecular pela Universidade Federal de Brasília, fiz o mestrado aqui na Bioquímica da UFRGS e fiz o doutorado aqui também, quer dizer, pela Universidade Federal do Paraná mas era um convênio com a UFRGS. Mas minha mãe é professora, meu pai é professor, né. Então assim, minha mãe sempre trabalhou com excepcionais, com educação...

- Professora primária?

- Sim, com alunos com deficiência etc. Ela sempre gostou disso, ela se especializou nisso e eu achava bacana por que ela sempre trabalhava dentro de um conceito de humor, do lúdico para poder trabalhar com essas crianças com deficiência. E eu achava que isso era bem importante e eu gostava, sempre gostei de dar aula, desde a minha graduação. Eu faço pesquisa para ser um melhor professor, por que o que eu gosto de ser é professor mesmo. E eu acho que isso é uma coisa que a gente pode juntar. Mas eu nunca fiz licenciatura.

- Bacana, bom, eu observei a aula e montei um quadro com oito momentos que identifiquei de humor. E eu notei também bastante concentração dos alunos. Em nenhum momento o senhor teve que pedir silêncio. Como somente observei uma aula, não sei se isso sempre aconteceu.

- Não, nessa turma eu nunca precisei.
- Pois é, notei que foi o senhor começar a falar e eles já se concentraram. Bom, então tá, a turma já é...
- Eu acho que isso tem a ver com o fato de eu não fazer chamada.
- Ah, sim, vão os alunos que realmente querem assistir a aula.
- Assim, eu deixo muito claro para eles que eu não faço chamada. Eu me dou o direito de botar para fora os alunos que estão me incomodando. Ou eles saem ou eu saio. Então assim ó, no primeiro dia de aula eu deixo isso muito claro. Então quem está ali, está a princípio para assistir a aula.
- Eu também reparei muitos momentos de humor, os oito momentos que eu listei no quadro, posso até lhe mostrar depois, e os alunos com quem eu conversei no final da aula disseram que a aula foi divertida, até já comentei contigo, né. Bom, o uso do humor foi intencional?
- Sim, acho que sim. É, acho que sim, eu curto essa coisa do humor. Acho que ele é uma linguagem boa, né. E ela é uma linguagem que desarma. Então assim, eu não acho, eu acho muito interessante que os alunos riam comigo. Então assim ó, é uma coisa que se tu conduz a turma a que eles entendam que tu faz humor em cima do conteúdo que você está falando, a risada deles é uma maneira de eles dizerem que estão te entendendo.
- Exatamente.
- Por que se eles não riem é por que eles não estão entendendo o conteúdo e não entendem a piada, então tu tem que voltar e explicar de novo. Também é uma maneira de que eu possa conduzir e perceber sem ficar perguntando para eles “estão entendendo”.
- É, teve um momento, que eu coloquei como quatro, o senhor fez a ironia “obesidade não é mais desvio de caráter”, alguns ficaram assim sem entender, daí o senhor retomou, explicou, e daí um número maior reagiu ao estímulo. Foi bem interessante. Quem não entendeu, passou a entender depois da explicação. Ok. E o senhor lembra do uso do humor nos tempos de escola? Os professores faziam uso do humor?
- Deixa eu só te dizer... Eu estudei no colégio militar, então assim, (rindo) não era uma prática muito comum. A ironia, sim, mas o humor nem tanto.
- O sarcasmo?
- Sim, ia mais por aí.
- Era então para o lado negativo?
- É, era uma coisa mais... Até se fazia humor, mas era o humor do deboche em cima de um aluno, né.
- O que não é nada positivo, nada construtivo.
- Era uma coisa mais pela ironia, pelo deboche, escolhia um bode expiatório na turma e, eu sou meio contra isso, esse tipo de humor. Então, mas tinha esse humor, que eu não sei se eu gosto dele, não.
- Ok, e no tempo de faculdade?
- Não, também não.

- As aulas nunca foram divertidas?
- Não...
- Por que o divertido, isso eu estou vendo pelo TCC, pela revisão da bibliografia, não é que tenha que ser o bizarro...
- Palhaçada...
- É, o divertido é o diverso, o diferente, que foge do comum.
- Que eu me lembre, não, não.
- Nada que tenha ficado registrado. OK. Então tá, isso eu já conversei com o senhor, que o humor é algo positivo, né. No dia a dia e então na educação. Acha que o humor é dispersivo em sala de aula?
- Quando os alunos riem do professor, ou riem de colegas, sim. Mas quando eles riem com o professor, não.
- Perfeito. E o que é humor para você?
- Eu acho que é uma maneira de ver a vida. Eu acho que é uma maneira de ver a vida. Você pode ver a vida de uma maneira muito séria, muito pesada e que tudo é muito dramático, é tudo muito contra você. Ou ver a vida de uma maneira mais leve. Que as coisas têm a importância que tem. Nesse caráter, quando você começa a rir do que você faz, ou rir de você mesmo ou rir junto, ou rir... Você monta situações que são cômicas por que a vida é cômica, fica tudo mais fácil. É, eu pelo menos penso assim. Eu várias vezes fico, rio de mim mesmo, né. Tipo assim, às vezes termino de fazer alguma coisa, meu deus do céu, eu acho, que coisa mais patética. Eu não tenho muito problema com isso.
- Ótimo! Era mais ou menos por aí. Espero não ter tirado muito tempo. Vou só agora lhe mostrar os momentos de humor que identifiquei. Havia 20 alunos na sala.
- Pois é, você vê, essa turma tem 42 alunos.
- Sim, 20 já não vão. Já não foram aquele dia.
- É, aquela aula foi uma aula logo depois da prova, foi a primeira aula depois da aula de correção da prova. Por que muitos deles foram bem mal, então eu acho que são pessoas que já não vão mais.
- Ó, teve a analogia do Ciclo do Ácido Cítrico com a Rótula de Trânsito. Nenhum esboçou sorriso mas eles anotaram, né. Então foi, facilitou o entendimento. Não que tenha sido... por que é isso que eu estou vendo bastante. Não precisa ser aquela coisa escrachada, de todo mundo dar gargalhadas mas, até na minha concentração, chegou uma hora, depois de uma hora de aula, eu já tava cansada...
- Sim.
- Mas quando o senhor fazia essas pitadinhas assim eu já... sabe, é bem bacana.
- Essa aqui foi interessante também. Estava contando os ATPs e falou  $9+2$  igual a 11...
- O professor riu.
- Disse onze com tom primário. E eles riram, riram de não terem respondido, sabe.
- Aham.

- *Sim, mas são coisas que a gente não percebe, né. Que faz. Mas os alunos reagiram. Ó, coloquei que dez deram um sorriso leve. Dai aqui sobre... Um perguntou “ah, mas a célula não tem limite para parar de estocar?”, e o senhor falou “infelizmente, não”.*

O professor riu.

- *Ai eles responderam também... Teve a analogia como anãozinho da mitocôndria.*

- *É, isso eu lembrava.*

- *Essa da preferência sobre “um pacote de chips ou laranja?”. Tem mais dois atrás.*

- *Tu vês como a gente fala coisa em sala de aula...*

- *Que nem percebe, né? Mas foi tudo bem leve e os alunos gostaram demais.*

- *Que ótimo.*

- *E o menino com quem eu falei ele disse exatamente isso que o senhor falou, ele disse assim... eu perguntei “a aula foi divertida?”, ele disse que sim, “ah por que hoje eu estava de bom humor e o professor também, todo mundo estava bem”.*

- *Aham. Ótimo.*

- *Então tá, muito obrigada!*

### **Entrevista Professor Barcelona (9:01)**

**Data: Dois de Junho de 2011**

- *Sua formação? Licenciatura em Ciências Biológicas.*

- *Exatamente, pela UFRGS.*

- *Tu te lembras do uso de humor na escola? Quando tu foi aluno.*

- *Ah, quando eu fui aluno? Quando fui aluno...*

- *Sim, nós já conversamos, não precisa ser aquela coisa escrachada, só algumas pitadinhas ou alguma coisa que tu recordas.*

- *Pois é, eu não me lembro. Eu me lembro às vezes de... ao contrário, né. A seriedade...*

- *Muita seriedade?*

- *E foi algo que me marcou na escola. Agora o humor, por parte dos professores, não. Era aquela coisa do aluno achar uma piada sempre assim para tentar sair da... Realmente, não foi uma coisa que me marcou, não... Agora assim, rapidamente, tentando me lembrar de algum professor, só na época do cursinho. Mas dai é outra coisa, é. Dai sai um pouco...*

- *Mas por que seriedade? Era muito rígido?*

- *Rígido, é. Mais em rigidez, professores mais rígidos. Não de cobrança, mas assim de sério no sentido de estar mais focados na matéria, em tentar passar pura e simplesmente a matéria*



*através das palavras de sempre. Não, não tentar trocar e adequar o vocabulário mais lúdico, vamos dizer assim. Mais por isso, assim, que eu me lembre.*

*- As aulas eram divertidas?*

*- Não, era mais por causa da turma. Diferentes até não vou dizer que não eram. Volta e meia tinha uma aula de laboratório, uma aula na informática, né. Por isso acabava ficando mais divertido. Mas não que os professores se utilizassem do humor.*

*- E na faculdade?*

*- Em relação aos professores, não.*

*- Não? Só entre os colegas?*

*- É, sempre entre os colegas. Não, até um que outro professor... O próprio professor da Bioquímica que nós estávamos conversando, que usa, né, charges e tirinhas, né, nas sua avaliação. O professor de Cordados II, se eu não me engano, usava algumas piadinhas durante as apresentações com aves, lá. Isso era uma coisa que eu me lembro. Mas também não foi algo, assim...*

*- Sim, e tu consideras o humor algo positivo no ensino?*

*- Muito, com certeza. Com certeza!*

*- Por quê?*

*- Pois é, se tu pensar a própria questão bioquímica e biológica do cérebro, assim, faz bem, eu acredito pelo menos que tu com o bem estar, com o sorriso, com o teu corpo em harmonia com aquilo que tu estás vendo, te faz aprender, te faça absorver mais facilmente. É fácil a gente pensar quando está mais triste, mais preocupado até, né, com aquele clima mais pesado, é mais difícil que alguma coisa seja absorvida pelo cérebro. A própria questão bioquímica, biofísica, né, biológica como um todo do organismo. Eu vejo isso, muito por isso o humor é importante. Além da questão cultural, não só biológica, de tu pensar que o humor raramente, pelo menos no tempo que eu passei como aluno, e se vê muito, tradicionalmente ele é excluído da sala de aula e culturalmente quando tu vê essa quebra tu te mostra mais disposto. Se tu vê um professor que está usando do humor, claro que não em demasia, mas quando tu vê, tu já "ah, com esse professor eu já tenho que pensar das vezes em rejeitar a aula dele", sabe, tu quebra um pouco o gelo, com essa mudança cultural. As pessoas estão tão acostumadas a escutar algo rígido em sala de aula e quando chega assim, dá uma quebra cultural, né. E isso acaba abrindo, dá mais abertura para o aluno se aproximar do conteúdo.*

*- Ótimo. E tu faz uso do humor nas tuas aulas?*

*- Ah, eu tento, bastante, né.*

*- É intencional?*

*- É intencional, com certeza, mas eu não planejo piadas. Isso é uma coisa assim... Aliás, algumas vezes que tentei, não deram certo.*

*- Sim, não dá certo!*

*- Exato, é coisa que vai surgindo assim.*

*- É do momento.*

- Sim, claro. Claro que eu sempre tento ir para esse lado, né. Vou tentando levar a turma para um lado mais engraçado da coisa. Mas nada planejado no sentido de chegar com as tiradas e as piadas, vamos dizer assim, prontas, né. Já tentei, muito espelhado nesse professor da bioquímica da UFRGS que usava charges, já usei também, charges em provas quando fui estagiário no Aplicação. E aconteceu uma coisa muito engraçada, né. Que quando eu entreguei, a charge não era uma questão, era simplesmente uma charge para eles olharem e relaxarem, né, para começar a prova. Não era uma pergunta. E o curioso... Ai tu vê como é a cultura, né, as pessoas olham aquilo, e os alunos levantavam a mão imediatamente para perguntar o que era para ser feito naquela questão. E eu comecei a achar intrigante ver isso acontecer por que não era uma questão, era simplesmente um relaxamento, mas não, os alunos viam aquilo como uma questão. Pois, imagino eu, deduzo, que culturalmente prova não é lugar para se brincar, né. Quase como uma arma branco do professor, aquilo que eles temem. Então ali não vai ser lugar de brincadeira. Se tem uma charge, por mais que seja engraçada, eu vou tentar não rir, por que isso me atrapalharia a resolver a questão, né. Estar rindo e me distraíndo. E eu tentava explicar... “não, isso não é uma questão, é só para ler”. “Ah, sério, professor? Bah, não tinha essa ideia”. E os que não levantaram a mão, durante a prova, para perguntar o que era para fazer, simplesmente o fizeram. E me responderam ou comentaram a charge no sentido da biologia, tentando trazer para a matéria. Claro, foi uma coisa boa por que afinal eles tentaram relacionar e dissertaram sobre, mas não era o que tinha sido pedido, e isso foi muito curioso por que automaticamente acharam que era uma questão e nem perguntaram, simplesmente... Foi tão natural que aquilo fosse uma questão, né. Simplesmente responderam, começaram a responder achando que era para fazer uma relação.

- Sim, como uma pergunta.

- Exato, e simplesmente não era, né. Isso foi a coisa mais curiosa em relação ao humor que me marcou...

- Não estão acostumados a ver isso, né.

- Não estão acostumados. Exatamente. É uma coisa que tradicionalmente não é usada. E até coloca em paradoxo, por que a tradição a gente sempre ouve que é para ser mantida, né. Aquela coisa assim “vamos manter a tradição”, mas que tradição é essa que devemos manter, né? Essa é uma coisa que às vezes me pergunto.

- Bacana. E o que é humor para ti? No dia a dia, enfim, na tua vida.

- O que que é humor? Bah! Humor primeiro não é só tu estar rindo, né. Tu pode estar mau humorado mas mesmo assim tu estar com humor. O humor pode variar do sim e do não. Acho que todos temos humor, sempre, né. Uma coisa é tu estar oscilando dentro desse humor. Se tu está alegre ou se tu está triste. Mas os dois são humor para mim, assim. Então, enfim, são diversas situações, externas claro, quando tu vê alguma coisa que te faz lembrar de alguma coisa que foi boa ou foi ruim, já vai afetar o teu humor, né. Acho que tem muito a ver com aquela expressão “estado de espírito”, né. Assim, acho que é mais isso, como tu está te sentindo na hora, esse é o teu humor. Como vai encarar as coisas. Como tu está contigo mesmo naquela hora. Seja bem ou ruim, bem ou mal. Tu está humorado, de alguma forma. Bem humorado ou mal humorado, mas tu tem o teu humor. São coisas externas que te fazem mexer com o teu interior. Mais ou menos é o teu estado de... como tu está.

- Obrigada!

- Certo?

Rimos.

## **Entrevista Professor Nápoles (9:35)**

**Data: 31 de Maio de 2011**

- *Tua formação? Licenciado em Ciências Biológicas...*
- *Graças a Deus! Acabou. Rindo.*
- *Leciona em mais algum lugar?*
- *Não, na real em Santa Cruz, mas é o mesmo...*
- *São quantas horas então?*
- *Em Santa Cruz são dez horas e aqui são sete. Dá dezessete horas.*
- *Por que decidiste pela licenciatura? Por que biologia?*
- *Bah, biologia por que desde pequeno eu gosto dessas coisas de experiência, eu via programinha do Beakman na televisão, essas coisas. Eu sempre gostei. E, licenciatura por que... Estranho por que quando eu era pequeno, eu não tinha essa coisa de “bah, eu quero ser professor” ...*
- *Não brincava de dar aula?*
- *Não, pior é que não. Eu brincava de ser o Batman, o Super Homem, essas coisas assim. Mas de professor, nunca. Ai chegou um momento em que eu assisti algumas aulas que me fizeram “bah, essa profissão é legal”. Eu vou te falar que...*
- *Foi no colégio?*
- *Não, não foi no colégio. A primeira vez que eu quis ser professor foi num curso técnico que eu fiz de informática. Eu tinha um professor que dava lógica de programação. E o cara era fantástico. Ele conseguia ensinar aquela chatice e eu ficava babando na aula dele. Eu ficava assim “nossa, como é legal”. E aquilo ali me inspirou muito, assim. E depois, claro, no cursinho de um monte de professor bom... Mas aquele cara foi o cara que eu... Estranho não tem nada a ver com biologia. Mas o método dele, a maneira de raciocinar...*
- *E por que que era bom? Ele usava humor?*
- *Não, não usava humor. O raciocínio muito lógico, assim, era um cara que explicava... As coisas faziam sentido. Tipo assim, eu tenho uma maneira de explicar uma coisa usando muito termo técnico e isso vai ser completo mas vai te complicar. Ou eu posso pegar uma coisa, usar uma linguagem bem acessível, facilitar e vai parecer aos teus olhos que eu não sei muita coisa, mas na verdade isso faz um bom professor. Aquele que facilita, que faz parecer idiota a coisa. E ele fazia parecer a coisa idiota, entendeu? E eu fiquei muito impressionado na época.*
- *Legal. Tu faz uso do humor?*
- *Olha, acho que sim, não sei. Acredito que sim.*
- *É intencional?*
- *Não, acho que é da minha personalidade mesmo. Eu acho que é.*
- *Eu assim, que em grupos de amigos, às vezes a gente fala coisas sem pensar...*

- *As coisas que geralmente eu falo que são as melhores, as coisas mais engraçadas, não é o que eu planejo. Sai na hora, dependendo do que a gente está conversando.*

- *Sabe que tem explicações para isso, né. São várias coisas, até a nível de neurociência, do inesperado e tal.*

- *É, pois é, para mim as melhores situações são essas. E eu não sei que tu te deu conta, enquanto a gente estava ali, os alunos falam algumas coisas que é muito engraçado e que algumas pessoas podem... Tem professor que fica mau humorado com isso. E eu gosto de ouvir por que isso melhora a minha aula. Se eu conseguir que um cara fale alguma coisa e os outros riem e fica um clima legal, melhor ainda. Usar isso.*

- *Tá, e o que é humor para você?*

- *Bah, difícil! Eu acho que um estado de espírito em que tu está propenso a coisas boas. Não é nem rir, eu acho que é isso.*

- *Perfeito. E o humor no ensino? É uma ferramenta?*

- *Claro, bah, certo!*

- *Positiva?*

- *Muito positiva.*

- *Ou dispersiva?*

- *Não, positiva, positiva. Eu acho que, sempre que eu fui professor, às vezes que eu dei aula, quanto mais eu usei isso, melhores foram os resultados dos alunos. Não tenho uma estatística disso, mas eu acho que é.*

- *OK, e tu te lembrava do uso de humor nos tempos de colégio?*

- *Bah, muito pouco, muito pouco. Mais era entre a gente, entre os alunos.*

- *Recreio e tal...*

- *Recreio, enfim, eu quando era pequeno, no colégio era o desenhista da turma. Então eu desenhava os professores e isso era engraçado. Mas era entre a gente. Um se arriando na mãe do outro, mas isso é normal. Mas dos professores, nada, vou te falar, nada. Tinha um professor com uma veia cômica, mas deu um ano aula para a gente.*

Rimos.

- *E nos tempos de faculdade?*

- *Teve. Teve o Sérgio Leite que era um cara engraçado. Por que ele era uma pessoa engraçada, não é que ele fazia piadas elaboradas. Ele era um cara engraçado, tu ia falar com ele, tu ria. Teve um cara que não sei se tu foi minha colega nessa época, em cálculo, o Farina, que rodou todo mundo.*

- *Sim, fiz com vocês.*

- *A maioria da turma rodou aquele ano. Eu larguei a cadeira. Aquele cara era tão cara de pau, que a gente acaba rindo. Teve uma menina que uma vez foi fazer uma pergunta, e ele olhou para ela... "nós já superamos isso", e continuou dando aula. A gente quase teve um enfarto de tanto rir.*

- *Sem noção!*

- *Sem noção nenhuma! Mas não é que ele quisesse ser engraçado, entende?*

Rimos.

- *Obrigada!*